

Caderno de Estudo das obras Vestibular do UNIFEMM



Quincas Borba,
de Machado de Assis



História do Brasil
de Murilo Mendes

Organizadora

Leni Nobre de Oliveira

Autores

Christiane das Graças de Souza

Elisandra Cristina as Silva Martins

Keily Fraenzi de Moraes

Lianete Marli Rodrigues Batista

Maria das Graças Trindade

Maria Gabriela Alves Costa

Micheline Sana de Lima Couto

Mônica de Castro Raposo

Ricardo de Oliveira Reis

Rodrigo Alves Nascimento

Rose Cristina de Figueiredo

Silvania Silva de Araújo

Xu Yiling

Zena Qinglan

FL-0051-01

Sete Lagoas, dezembro de 2006

Sumário

Advertência	P. 3
Quincas Borba – Machado de Assis	4
1 – Machado de Assis – Realista e anti – naturalista	4
<i>Maria das Graças Trindade</i>	
<i>Maria Gabriela Alves Costa</i>	
2 – As personagens de Quincas Borba.....	5
<i>Micheline Sana de Lima Couto</i>	
<i>Rodrigo Alves Nascimento</i>	
3 – Espaços da obra: O itinerário de Quincas Borba.....	6
<i>Mônica de Castro Raposo</i>	
<i>Silvania Silva de Araújo</i>	
4 – O tempo na obra Quincas Borba: o tempo real, lapso temporal, tempo narrativo	7
<i>Xu Yiling</i>	
<i>Zeng Qinglan</i>	
5 – O narrador, o foco narrativo e a condução do enredo.....	7
<i>Keily Fraenzi de Moraes</i>	
<i>Rose Cristina de Figueiredo</i>	
6 – A importância da obra Quincas Borba para a tradição.....	9
<i>Christiane das Graças de Souza</i>	
<i>Elisandra Cristina da Silva Martins</i>	
<i>Participação especial de Leni Nobre de Oliveira</i>	
7 – A Linguagem da obra.....	10
<i>Lianete Marli Rodrigues Batista</i>	
<i>Ricardo de Oliveira Reis</i>	
História do Brasil - Murilo Mendes.....	13
1 - Murilo Monteiro Mendes: Uma estrela brilhante de Modernismo de 2ª fase.....	13
<i>Zeng Qinglan</i>	
<i>Xu Yiling</i>	
2 – As intertextualidades em História do Brasil.....	14
<i>Maria das Graças Trindade</i>	
<i>Maria Gabriela Alves Costa</i>	
3 – Estética e valor na obra História do Brasil.....	16
<i>Keily Fraenzi de Moraes</i>	
<i>Rose Cristina de Figueiredo</i>	
4 – O Brasil sob a ótica de Murilo Mendes – A História revistada pela Literatura.....	18
<i>Micheline Sana de Lima Couto</i>	
<i>Rodrigo Alves Nascimento</i>	
5 – A Geografia e a História do Brasil: a terra e seus elementos	26
<i>Silvania Araújo</i>	
<i>Mônica de Castro</i>	
6 – A Linguagem na obra História do Brasil	28
<i>Ricardo de Oliveira Reis</i>	
<i>Lianete Marli Rodrigues Batista</i>	
7 – Ruptura e tradição em História do Brasil	31
<i>Christiane das Graças de Souza</i>	
<i>Elisandra Cristina da Silva Martins</i>	
<i>Participação especial de Leni Nobre de Oliveira</i>	
Questões	34
Temas para Redação.....	38
Referências Bibliográficas	39

UNIFEMM - BIBLIOTECA



00896 FL

Advertência

Nenhuma leitura analítica, resenha ou crítica da obra literária, por melhor que ela seja, nenhum resumo, pois mais fiel que ele possa se apresentar, nenhuma palestra, por mais esclarecedora que ela seja, consegue substituir o contato direto com a obra. Todos esses recursos são muito importantes para uma melhor aproximação pelo leitor do conteúdo da obra e, portanto, para sua melhor compreensão. No entanto, somente a leitura do texto na íntegra pode realmente fornecer ao leitor o melhor contato com o texto literário. Por isso, esse estudo tem como objetivo melhorar as condições de leitura e de aproveitamento das obras literárias indicadas para o vestibular, trazendo estudos sobre alguns de seus aspectos importantes do ponto de vista do conteúdo, do enredo, da linguagem da estética e de sua relação com a cultura geral. Além disso, propõe exercícios para facilitar ao leitor a verificação de seus conhecimentos. Nessa parte, incluem-se também temas para a elaboração de textos dissertativos, com vista a preparar o candidato para a prova de Redação. Assim, boa leitura, bom proveito e não se contentem com estas análises alheias. Leiam as obras, façam vocês mesmos suas inferências e tirem vocês mesmos, suas conclusões.

Os elaboradores

QUINCAS BORBA – MACHADO DE ASSIS

1 – Machado de Assis – Realista e anti – naturalista

Maria das Graças Trindade
Maria Gabriela Alves Costa

O Realismo de Machado de Assis tem como princípio um maior esforço de objetividade literária. A forma como ele narra uma história, em suas obras, foge aos paradigmas de orientação evolucionista do Realismo e Naturalismo, adotando estratégias ficcionais que combinam gêneros diferentes no modo de interpretação das obras literárias.

O Naturalismo e o Realismo surgem no mesmo ano de 1881, colocando-se contra o tradicionalismo e subjetivismo romântico. Originários de um mesmo contexto social, a opção por uma dessas tendências dependia simplesmente da escolha do autor. Os autores realistas observam a realidade e procuram traduzi-la, por meio da arte ou literatura, mostrando detalhes significativos da vida presente, sem se preocuparem com o passado. Enquanto o realista observa a realidade, o naturalista critica fatores patológicos e amorais do indivíduo. As obras naturalistas retratam a realidade humana em seus aspectos mais degradantes. Já na obra realista de Machado, o que interessa são os aspectos da vida cotidiana, as inquietações do comportamento humano no que se refere aos fatores externos e psicológicos, explorando de forma mais sutil o pitoresco e o ridículo. Machado de Assis procura transmitir um estudo da alma humana, suas contradições, frustrações e anseios e o que realmente importa é a realidade aparente, quase sempre vista do ângulo social. Para Machado, os sonhos e alucinações são descritos como função psicológica da personagem e, por isso, fazem parte da realidade do homem. Essa nova estética literária procura representar a realidade tal como ela é percebida e sentida pelo autor, que procura reunir em sua obra o perfil e as ações de seus personagens. Com isso, o leitor é provocado a fazer uma análise psicológica e sociológica dos indivíduos e do meio.

Em *Quincas Borba*, romance que se enquadra no estilo realista machadiano, o autor representa o mundo real e concreto dos personagens, que vivem sob o poder do capital emaranhado num jogo de interesses próprios.

Nessa obra a narrativa acompanha toda a trajetória de vida do protagonista Rubião, um modesto professor que, ao herdar fácil uma fortuna de um amigo, cai nas mãos de um jovem casal esperto e ambicioso. O ingênuo provinciano se apaixona pela personagem Sofia e é envolvido num sórdido jogo amoroso, enquanto lhe é tirado todo o seu dinheiro. No trecho abaixo, você pode perceber que, sendo generosa, Sofia deixa transparecer o seu caráter inescrupuloso, num discreto jogo de sedução:

"Quem é que manda isto?" Perguntou Rubião.

- Dona Sofia.

Rubião não conhecia a letra; era a primeira vez que ela lhe escrevia. Que podia ser? Via-se-lhe a comoção no rosto e nos dedos. Enquanto ele abria a carta, Freitas familiarmente descobria a cestinha: eram morangos. Rubião leu trêmulo estas linhas:

"Mando-lhe estas frutinhas para o almoço, se chegarem a tempo; e, por ordem do Cristiano, fica intimado a vir jantar conosco, hoje, sem falta. Sua verdadeira amiga.

SOFIA".

Apaixonado por Sofia, Rubião fica vulnerável à trama armada por ela, com a cumplicidade do marido. Por aí se pode ver a habilidade com que Machado de Assis ata o texto ao contexto mostrando que os dramas humanos não passam de peças que se intercambiam de acordo com os interesses em jogo.

Machado faz uma observação detalhada de todos os passos de Rubião e das pessoas que dele se aproximam para tirar vantagens, dando ênfase aos aspectos psicológicos de cada personagem da história, numa narrativa permeada de ironia e humor. Sendo bom, Rubião tem algo de quixotesco e o autor explora todo o quixotismo produzido pelo personagem decorrente de sua boa fé e ingenuidade. Exemplo: no capítulo XLI, Rubião convida Sofia a fitar o Cruzeiro, todas as noites, às dez horas. Rubião acreditar que Sofia iria olhar para o céu para se encontrarem em pensamento é um dos recursos usados pelo autor para produzir ironia e certo humor ao texto.

Em contraposição ao Naturalismo, em sua narrativa, Machado de Assis não se prende a descrições minuciosas de detalhes, cenas eróticas ou doenças: não condizem com a sobriedade machadiana. Suas frases são diretas e curtas sem abusos de adjetivos. Nos acontecimentos narrados em sua obra, o que importa, acima de tudo, não é a história, mas o tipo de reflexão sugestionada pelo autor, após a narrativa de um fato.

Machado teve mão de artista bastante leve para não se perder no determinismo de raça ou de sangue que presidiriam aos enredos e estofariam as digressões dos naturalistas de estreita observância. *Quincas Borba* é, na verdade, uma sátira do fracasso da vida fácil, sem passar pelo sabor da conquista. Tudo que vem fácil, vai fácil.

Machado utiliza o humor como crítica social e tenta mostrar, na loucura e dilemas humanos, o conflito interno que causa a destruição da pessoa. Toda miséria humana é retratada numa interrelação com a realidade presenciada e cotidiana na vida das pessoas. Ele procura além dos aspectos externos, a alma do seu personagem, conforme se pode observar num trecho do capítulo CLVI:

Quando as malas da Europa chegavam cedo, Rubião saía de Botafogo, antes do almoço, e corria a esperar os jornais; comprava a "correspondência de Portugal". E ia lê-la no Carceler. Quaisquer que fossem as notícias, dava-lhes o sentido da vitória. Fazia a conta dos mortos e feridos, e achava sempre um grande saldo a seu favor. A queda de Napoleão III foi para ele a captura do rei Guilherme, a revolução de 4 de Setembro, um banquete de bonapartistas."

Por não conhecer o bastante a estrutura social predominante na corte carioca, Rubião é reduzido a completo estado de miséria e, conseqüentemente, levado à loucura. A decadência da matéria é apresentada num paralelo com a decadência do estado de consciência do homem, nesse caso, intensificada pelo amor por Sofia.

O narrador na obra de Machado de Assis fica a observar o destino de seus personagens que se entrelaçam à vida de outras pessoas e vão cavando o seu próprio destino ou futuro, no qual vão-se dar bem os mais espertos. Machado apresenta duas visões de mundo: a do opressor e a do oprimido. Na obra *Quincas Borba*, a personagem do oprimido é representada por Rubião, que acaba completamente derrotado no jogo da vida.

2 – As personagens de *Quincas Borba*

Micheline Sana de Lima Couto

Rodrigo Alves Nascimento

Elementos típicos do Realismo-Naturalismo podem ser encontrados na obra de Machado de Assis, como a 'lei do mais forte', 'o condicionamento do homem ao meio', 'a narrativa objetiva', 'a denúncia do homem como produto de determinada estrutura objetiva' e 'social'. Penetrando na consciência da personagem, Machado de Assis focaliza a vaidade, as frivolidades, a hipocrisia, a ambição, a inveja e o adultério.

Nelly Novaes Coelho escreveu que se o Realismo-Naturalismo supõe um homem bloco, de moral estandardizada e típica, em Machado surge o homem múltiplo, o homem feixe, contraditório, dividido consigo mesmo, feito de impulsos antagônicos que o levam à instabilidade da consciência moral.

As Personagens

Pedro Rubião de Alvarenga – é o personagem central, apesar de não dar título à obra. Condizente com o Realismo age por impulso, deixando-se levar pelos acontecimentos. É um homem contraditório, dividido consigo mesmo. Passa de professor do primário, em Barbacena, a capitalista de maneira fulminante. Sonhava com coisas inatingíveis, como a paixão por Sofia. Termina louco.

Quincas Borba – (Joaquim Borba dos Santos) filósofo que, apesar de dar título à obra, ocupa reduzido espaço na narrativa, projeta-se continuamente na mesma. É rico e procura explicar o mundo por meio de sua filosofia, baseado no princípio de 'Humanitas'. É tão radical a ponto de tratar seu cachorro como se fosse uma pessoa e dar-lhe sua herança, que torna Rubião seu depositário. Aceita a morte naturalmente e não se importa em não ser compreendido. Sua verdade parece bastar-lhe.

O Cachorro – (Quincas Borba) Está presente ao longo de toda a obra. Para Rubião, ele é uma espécie de encarnação do filósofo Quincas Borba, o que torna sua presença incômoda. O animal parece representar os valores que os personagens humanos já perderam: a fidelidade e a constância. Isso pode ser comprovado quando ele morre, poucos dias após o falecimento de Rubião.

Sofia - Aparece primeiro como personagem frágil, depois como uma mulher de grande maldade, capaz de manobrar Rubião e as outras pessoas que a cercam. É contraditória e incapaz de manter um comportamento coerente que não seja o de nova rica ansiosa por aparecer socialmente. Rubião sonha com ela, que sonha com Carlos Maria. É grande representante do Realismo por ser vaidosa, ambiciosa, e uma possível adúltera.

Palha – É o perfeito homem de negócios. Administra seus bens com inteligência e sempre mantém as aparências. Não chega a enganar Rubião. Este é que, com sua ingenuidade e total falta de controle, favorece inesperadamente os planos de ascensão social de Palha. É um homem muito ambicioso, moralmente instável, extremamente hipócrita, importante representante do Realismo.

Carlos Maria – Um galanteador fútil, leviano por quem Sofia se apaixona. Ele ignora-a por considerá-la muito fácil. Dentro do Realismo, representa a vaidade, a frivolidade.

Dona Tonica – Filha do Major Siqueira, é personagem secundária, que ama Rubião. Solteirona e desesperada para se casar, vê em Rubião a chance de arrumar um marido.

Dr. Camacho – Personagem secundário, diretor de um jornal de oposição. Ambicioso e vulgar, explora Rubião sem piedade, inventando um provável projeto político e tornando-o sócio de seu jornal, *Atalaia*.

Deolindo – Garoto salvo por Rubião de atropelamento, demonstra toda sua ingratidão, ridicularizando-o e caçoando dele junto a outras crianças.

Da. Fernanda – Personagem que aparece como amiga sincera de Rubião dando-lhe dinheiro para retornar a Barbacena depois que deixa a casa de repouso.

Sinhá Comadre – Pessoa caridosa para quem Rubião, ainda sem saber da herança, dá o cachorro Quincas Borba. É quem acolhe Rubião, já no auge de sua loucura, de volta a Barbacena.

3 – Espaços da Obra: O itinerário de *Quincas Borba*

Mônica de Castro Raposo

Silvania Silva de Araújo

A obra *Quincas Borba* se passa a partir de 1867, entre as cidades de Barbacena e Rio de Janeiro. A cidade mineira citada é onde Quincas Borba nasceu e viveu até o momento em que se mudou para o Rio, quando ficou enfermo, vindo a falecer ali, mas seus pensamentos estavam sempre em Barbacena, pois lá está seu bem mais precioso, Quincas Borba, o cão.

Antes de seu falecimento na corte, transferiu seu bem maior, o cão, e todos os bens materiais a Rubião, que vivia em sua casa em Barbacena.

Rubião, professor em sua cidade, resolveu deixar sua profissão em sua escola/empresa para auxiliar seu amigo Quincas na sua enfermidade, ainda em Barbacena. Após a viagem do amigo e a herança recebida, a história toma a direção do Rio de Janeiro.

O desejo do herdeiro em chegar na glamourosa Capital traz para a história vários pontos da cidade maravilhosa, por meio da descrição dos espaços. A maioria das cenas ocorre nas ruas, cujos nomes são citados. E a localização destas, às vezes, é por meio do encontro de uma rua com a outra rua.

A narrativa acontece mais expressivamente em espaços internos no Rio de Janeiro, como a casa herdada por Rubião e a casa de seus amigos Palha e Sofia. Esses espaços são maravilhosos, cheiros de objetos valiosos, cobertos de muita vaidade de seus próprios donos. São explorados vários cômodos das casas principalmente os jardins, locais de reuniões com os amigos.

Nos espaços externos das ruas cariocas são apresentadas cenas que ocorrem com Rubião e, aos poucos, vários lugares vão sendo descobertos por ele, mas sem uma descrição detalhada do Rio de Janeiro.

Ao final, a personagem principal, depois da fase de glamour na corte, passa à decadência tanto nos negócios quanto à definição de sua própria identidade e reflexão de seus valores. Em seus momentos terminais, retorna a sua cidade de origem, Barbacena, onde morre na casa de sua comadre. E aquele que até sua morte ficou ao seu lado, Quincas Borba, morreu três dias depois na rua, palco principal da obra.

4 – O tempo na Obra *Quincas Borba*: tempo real, lapso temporal, tempo narrativo

Xu Yiling

Zeng Qinglan

Tempo real: A obra *Quincas Borba* foi publicada em 1891, no período em que ocorreu o Realismo. Esse momento literário é baseado na ciência que dominou as atenções na segunda metade do século XIX, chegando a adentrar o século XX. Varreu o mundo uma onda de Materialismo, com o Positivismo de Comte, o Evolucionismo de Darwin, o Psicologismo de Wundt, o Determinismo de Taine, que alastraram pelo espírito humano como verdadeiras paixões. Nasce daí as análises científicas nas obras literárias: Objetividade, observação, fidelidade, impassibilidade e impessoalidade são algumas das características do Realismo. Em suma, a literatura preocupa-se em captar a realidade como ela é, formando-lhe um retrato fiel e preciso. Como é fácil perceber, *Quincas Borba* é um livro que se acha, cronologicamente, no estilo realista. Abaixo lembraremos algumas características que podem ser vistas no romance. O Realismo retrata aspectos da vida contemporânea do autor. Enquanto o romântico se volta ao passado ou se projeta no futuro, o realista se fixa no presente, porque o que lhe interessa é a vida que o rodeia. Desse modo, o escritor realista encara o presente, nas minas, nos cortiços, nas cidades, nas fábricas, na política, nos negócios, nas relações conjugais etc., muitas vezes, atingindo o caráter naturalista ou descambando para os aspectos degradantes e deprimentes da sociedade, como é o caso do romance naturalista de Aluísio Azevedo.

Sem se prender às delimitações de tempo e espaço, pois o enredo se situa no séc. XIX, pode-se afirmar que *Quincas Borba* é obra perene e imune à ação corrosiva do tempo: é uma grande sátira da vida, de seus ingredientes e de suas verdades. Após sua leitura, valores éticos e morais podem ser discutidos com validade para os dias de hoje.

4.1 - Tempo narrativo: Na obra predomina o tempo cronológico, embora haja marcação de tempo psicológico, pois o romance começa no meio da história. Trata-se do uso de “flash-back”. E outro aspecto ponderável no estudo de um romance é a determinação do tempo histórico. Como é fácil observar, a ação decorre na segunda metade do século XIX, o que se pode depreender a partir das diversas referências a personalidades políticas e fatos históricos da época.

Lapso temporal: pode-se lembrar do tempo psicológico, como é o caso da história dos enforcados (cap. XLVII) a que Rubião “assiste” muito tempo depois. Os acontecimentos ocorrem na época do segundo império e não evoluem numa cronologia exata. À medida que há necessidade de esclarecimentos, o narrador volta atrás e, quando nada acontece de interessante, há um salto sobre o tempo: Ex: “Vem comigo, leitor; vamos vê-lo; meses antes, à cabeceira do Quincas Borba (cap. III). Este é o convite feito pelo narrador e, a partir daí, durante 23 capítulos, acompanhamos a vida de Rubião em Barbacena, até ele vir para a Corte.

5 – O narrador, o foco narrativo e a condução do enredo

Keily Fraenzi de Moraes

Rose Cristina de Figueiredo

O narrador é o porta-voz do escritor. É aquele que conta os fatos e seu desenvolvimento. Por meio das palavras do narrador é que a história será apresentada ao leitor. A narrativa pode ser feita em primeira ou terceira pessoa, dependendo da perspectiva adotada pelo narrador para contar a história. A isso se nomeia foco narrativo.

O narrador da obra *Quincas Borba*, de Machado de Assis, é onisciente intruso. E o foco narrativo é de terceira pessoa. Isso faz com que se tenha uma impressão maior de veracidade da história, uma vez que não há participação direta do narrador nos acontecimentos. Por isso, seu relato tende a ser o mais verdadeiro, imparcial e objetivo possível. E isso pode ser visto na seguinte citação: “O doente, porém, abandonará o cão que voltou a deitar-se ao pé da cama, desta vez com a cabeça entre as patas, os olhos meio cerrados; e voltando-se em cheio ao amigo que lhe servia de enfermeiro...” (p.7 e 8).

O narrador onisciente intruso caracteriza-se por conhecer tudo acerca dos acontecimentos, é capaz de invadir até o íntimo de seus personagens. Esse tipo de narrador sabe do passado e do futuro, das emoções e pensamentos das personagens. Assim, ele lê os sentimentos, os desejos mais íntimos das personagens; o narrador vê o que ninguém tem condições de ver: o mundo interior da personagem. E sabe qual a repercussão desse ato no futuro. O narrador onisciente intruso, mesmo não sendo personagem, tece comentários em primeira pessoa, incluindo-se na obra, interrompendo a narração dos fatos ou a descrição de personagens e ambientes,

fazendo observações e emitindo julgamentos de valor. É um narrador que tece um diálogo com o leitor de modo que esse também se insira na narrativa. Essas características podem ser observadas no seguinte fragmento:

A comadre era muito feia. Peço desculpa de ser tão feia a primeira mulher que aqui aparece; mas as bonitas hão de vir. Creio até que estão nos bastidores, impacientes para entrar em cena. Sossegai, muchachas! Não me façais cair a peça. Aqui vereis todas, em tempo idôneo...(p. 20).

E, algumas vezes, esse diálogo com o leitor pode aparecer de forma metalingüística, pois o narrador explica aos leitores como se faz a construção da narrativa na própria narrativa, o que se pode perceber em alguns momentos como o seguinte:

Aí tem a cláusula inteira. Não a queira dar por medo de aborrecer o leitor nem a leitora, pessoas principais em tudo isto, e às quais não desejo mais que saúde e tempo. Aí tem a cláusula. Que é esquisita, não há dúvida; mas eu não hei de inventar um testamento nem mentir a minha história só pelo gosto de pôr aqui uma cláusula vulgar. Toda a questão é que o herdeiro a achasse humilhante. (p. 19).

5.1 – Início do conflito

A narrativa gira em torno da vida de Rubião, amigo do filósofo Quincas Borba. Quincas Borba tornou-se muito rico e, ao morrer, deixa toda sua herança para Rubião. Por isso Rubião muda-se para o Rio de Janeiro, e leva consigo o cão, também chamado Quincas Borba, que pertencera ao filósofo e do qual Rubião deveria cuidar sob a pena de perder a herança. O conflito dessa narrativa inicia-se quando Rubião sai de Barbacena para o Rio de Janeiro e, na Estação Ferroviária de Vassouras entra um casal - Christiano Palha e sua esposa Sofia - no mesmo vagão em que ele estava. Ambos também tinham como destino o Rio de Janeiro. A partir de então, surge um diálogo entre Christiano e Rubião. Enquanto isso, Rubião encanta-se com a beleza de Sofia.

Essa conversa rende, como fruto, a amizade. Rubião passa a freqüentar a casa de Christiano. Então cresce cada vez mais o interesse de Rubião pela esposa de Palha, Sofia. Ele a achava a mais majestosa e encantadora de todas as mulheres. Rubião freqüentemente visitava Sofia e também a presenteava com jóias, livros e outros adornos. As trocas de olhares existiam entre ambos, todavia não houve correspondência amorosa por parte de Sofia. Existia simplesmente um sentimento de carinho, como podemos comprovar com este trecho da obra: "___ Meu Deus! Como é bonita! Sinto-me capaz de fazer um escândalo! Continuava a pensar Rubião encostado a janela, de costas para fora, com olhos esquecidos na bela dama, que olhava para ele." (p.37).

E ainda é válido salientar que, à proporção que os sentimentos por Sofia e os outros acontecimentos da vida na corte vão surgindo, o cão passa a ser figura secundária na vida de Rubião. O cão Quincas Borba, até então, acostumado a carinhos, recebe agora tabefes e desafeto. Tais afirmativas acerca do abandono do cão serão confirmadas, abaixo, pelo narrador.

... o que ele mais sentia eram as ausências longas do Rubião; de noite não dormia enquanto ele não voltava, para recebê-lo, como nenhuma mulher amada recebe seu noivo... Agora, por exemplo, Rubião desceu e abriu-lhe a porta, que alegria! que entusiasmo! que saltos em volta do amo! Chega a lamber-lhe a mão de contente, mas Rubião dá-lhe um tabefe, que lhe dói; ele recua um pouco, triste, com a cauda entre as pernas; (...) ___ Sossega! Sossega! Brada-lhe Rubião andando e pensando em outra coisa. (p. 28).

5.2-Clímax do conflito

O ponto culminante da obra ocorre quando Rubião, de tanto sofrer de amor não correspondido, começa a delirar. Já não é capaz de responder pelos seus próprios atos. Gastava demasiadamente com presentes para Sofia. Era, de fato, gastador. Sua fortuna reduziu-se a quase nada. Passa a viver em uma casinha, doente e solitário, somente com seu cão. É internado em uma Casa de Saúde. Os fatos supracitados serão comprovados nos fragmentos abaixo:

Rubião não cuidou mais do coche, nem do esquadrão de cavalaria. Foi dar consigo abaixo, andou por várias ruas, até que subiu pela de S. José. Desde o passo imperial, vinha gesticulando e falando a alguém que supunha trazer pelo braço, e era a imperatriz; (...) Pessoas que iam andando, paravam

alguns instantes; do interior das lojas vinha gente às portas. Uns riam-se, outros ficavam indiferentes, alguns, depois de verem o que era, desviavam os olhos para poupá-los à aflição que lhes dava o delírio.... (p. 234).
Dois dias depois, foi Rubião, recolhido a uma casa de saúde. (p. 238).

Essa loucura de Rubião traz graves consequências ao cachorro. O animal já não recebe os mesmos cuidados. É abandonado e maltratado. Fica fraco, magro e desnutrido, até que recebe a visita de dona Fernanda e Sofia que lhe dão atenção, como comprovado a seguir:

"Quincas Borba apareceu. Magro, abatido, parou à porta da sala, estranhando as duas senhoras, mas sem latir; mal erguia os olhos apagados. Chegou a dar meia volta ao corpo na direção do interior da casa, quando dona Fernanda fez uns estalinhos com os dedos; ele parou, agitando a cauda." (p. 240).

5.3- Desfecho do conflito

A internação na Casa de Saúde não curou a doença de Rubião, uma vez que seu mal era causado por um amor não correspondido. Por isso, Rubião se torna demente. Tanto é que foge da Casa de Saúde no Rio de Janeiro e retorna com seu cachorro para Barbacena. Porém não sabia como ou porque estava ali. Então, é acolhido na casa de sua comadre. "Poucos dias depois morreu... Não morreu súbito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, - uma coroa que não era ao menos um chapéu velho ou uma bacia, onde os expectadores palpassem a ilusão".(p. 248).

O mesmo fim teve seu cão Quincas Borba que sai desvairado pelas ruas após a morte de Rubião. "Queria dizer aqui o fim de Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua três dias depois." (p. 248).

6 – A importância da obra *Quincas Borba* para a tradição

Christiane das Graças de Souza

Elisandra Cristina da Silva Martins

Participação especial de Leni Nobre de Oliveira

Uma das viagens mais alucinantes sobre essa obra está na coragem e no arrojo do autor de se mostrar para todos, na forma de escrever, em que nos revela nos momentos de maior exposição, as nossas fragilidades como se não fossem nossas, mas dos personagens de ficção. É uma idéia muito arrojada, pois mistura a complexidade da obra de ficção diante do exterior que é a vida.

Sem sombra de dúvida, Machado de Assis usa e abusa de seus conhecimentos literários e de seus conhecimentos culturais. Ele consegue ser realista, ao abordar, de maneira clara, as muitas situações que acontecem no dia-a-dia de lá, como nos dias de hoje. Dessa forma, a obra de Machado de Assis se insere na tradição das obras literárias universais, que não são corroídas pelo tempo, nem se tornam velhas, pois continuam a dizer algo aos novos leitores de novas eras.

O autor trabalha as questões dos nossos medos, e também as instabilidades às quais estamos submetidos a cada momento da vida. O medo de perder, o medo de ficar só, o querer algo a mais, o querer algo demais, todos esses elementos da condição humana que não pode ser o todo, durante todo o tempo, mas que pode ser em partes, abrindo mão ora de algo aqui, ora de algo ali, para obter benesses acolá.

A importância da obra *Quincas Borba* para a tradição literária está condicionada à sua relação com a própria obra do autor – *Memórias póstumas de Brás Cubas*-, referenciada no novo romance. Nela estaria a gênese de Quincas Borba, o colega de escola de Brás Cubas, com que esse último entabula vários encontros para falarem a respeito de uma nova ciência – o Humanitismo - que Borba estaria organizando. Essa ciência, discutida por Quincas Borba a partir de brigas de cachorro e população em guerra em campo de batatas, parece ser a denúncia clara de Machado de Assis de que o Cientificismo, estética em voga nas produções literárias, poderia produzir algumas aberrações literárias, no mínimo jocosas. Dessa forma, Machado de Assis não nega as tendências literárias de sua época, mas coloca-as em questão, quando, ironicamente, cria Quincas Borba como personagem de *Memórias póstumas*, e dá-lhe o nome a um novo livro, embora o próprio Quincas Borba morra no início da obra e, daí em diante, ironicamente, um cachorro parece preservar o nome e a memória do cientista falecido.

No primeiro livro, Machado de Assis nos conta uma situação em que Brás Cubas está fora da realidade, está louco e mendigo pelas ruas. No mesmo romance ele recebe uma herança e volta como fidalgo ao convívio da amizade de Cubas. Na obra *Quincas Borba* o narrador apresenta um Quincas Borba preste a morrer, no início, cuja morte logo se realiza, porém o mantém vivo em seu cachorro e na memória de Rubião, por meio da herança que lhe deixara. Nesse caso, a ironia fica por conta da apresentação de um cão como amigo e companheiro, animal que será herdeiro de Quincas e por conseguinte, fará também herdeiro o protagonista Rubião. Assim, o autor consegue nos confundir, apresentando um Quincas Borba morto, ausente na história, e um Quincas Borba vivo, cão-personagem secundário da trama.

A obra também é sobrecarregada de citações e referências às grandes obras da literatura universal, o que demonstra um escritor que lia muito e tirava bons proveitos do que lia em sua obra, porque o faz sem ser pedante. Quando lemos *Quincas Borba*, nós também conseguimos muitos proveitos. Podemos pensar temas da atualidade, com base nas situações em que os fatos ocorrem na obra e refletir sobre a vida. Temas comuns como adultério, ganância, infidelidade conjugal e sedução entre outros, podem ser observados a partir da obra e facilitar a compreensão de vários temas, que melhor possibilita pensar o ser humano e suas ações, suas visões de vitórias e derrotas, a condescendência e a conveniência do ser humano.

Pelo fato de a linguagem da obra ser aquela que se usava no século XIX e, portanto, nos cause algum estranhamento no ato da leitura, com a consulta aos dicionários e rodapés, para melhor construir os significados do que está escrito, talvez alguns leitores achem-na um pouco difícil de ser lida. Porém, mesmo se não entendermos bem a obra de uma primeira leitura, a conversa com outras pessoas, os debates, as discussões, a leitura de párrafos, tais como comentário de estudiosos e teórico, auxiliam-nos a compreendê-la melhor. Nesse caso, uma segunda leitura, uma terceira leitura no futuro, será sempre uma nova surpresa, acrescida da novidade das coisas que, nela, antes não havíamos percebido.

É assim que a tradição é mantida. Quando uma obra é indicada para o vestibular, ela incita a discussão e o debate sobre ela, o que nos permite discuti-la a partir de vários aspectos e pontos de vista. O que se pretende com a prova de Língua Portuguesa, Literatura e Redação é garantir alunos para seu curso superior que saibam escrever na norma culta, sejam leitores de textos, em especial de obras literárias e que os compreendam teoricamente. Nesse caso, a própria obra literária é utilizada para a elaboração das questões, inclusive da prova de Redação. Porque colocam em pauta a discussão da tradição ou a representa ou a remodela, as duas obras literárias indicadas para o vestibular são importantes para discutir a tradição, tanto literária como cultural brasileira.

7 – A Linguagem da obra

Lianete Marli Rodrigues Batista
Ricardo de Oliveira Reis

É nítido que na obra *Quincas Borba* a linguagem de Machado de Assis é acadêmica, culta e objetiva. Os períodos em geral são curtos e as palavras, muito bem escolhidas. Machado preocupa-se com a verdade, a clareza e a correção gramatical.

Encontram-se, nessa obra, referências constantes aos estilos de outros grandes autores do ocidente, como: Edgar Allan Poe, Dom Quixote, William Shakespeare e Byron. Na maioria dos casos, essas referências são implícitas, só podem ser percebidas pelos leitores familiarizados com as grandes obras literárias. Esse é um dos motivos de se poder dizer que o estilo de linguagem de Machado de Assis é um estilo culto.

Nessa obra, Machado de Assis é constantemente seduzido pelo impulso de falar sobre sua própria obra que está escrevendo, isto é, faz metalinguagem comentando os capítulos, as frases, a organização do todo e também faz citações diversas.

Seduzir o leitor, possuindo-o na própria mensagem, em forma de convite, é a arte fascinante de Machado de Assis em *Quincas Borba*, exemplo disso cito: "Deixemos Rubião na sala de Botafogo, batendo com as borlas do chambre nos joelhos, e cuidando na bela Sofia. Vem comigo, leitor, vamos vê-lo, meses antes, à cabeceira do Quincas Borba" .p.15

Há vários exemplos de linguagem erudita que é percebida no trecho da carta de Quincas Borba a Rubião e em outras situações, Cita-se:

"Você há de ter estranhado meu silêncio".

...Não contes a ninguém o que te acabo de confiar... cala-te, guarda, e agradece a boa fortuna de ter por amigo um grande homem, como eu, embora não me compreendas. Hás de compreender-me. Logo que tomar a Barbacena, dar-te-ei em termos explicados... (p. 23)

... Na alma desta senhora passou agora um tênue fio de Calígula..." p.55)

Podemos observar várias vezes o uso da metalinguagem:

... este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler *Memórias Póstumas de Brás Cubas*... p.15

... aqui é que eu quisera ter dado a este livro o método de tantos outros – velhos todos, - em que matéria do capítulo era posta no sumário...

Observa-se também, nessa obra, algumas figuras de linguagem e dentre elas destacamos *metáfora*, *metonímia* e *onomatopéia*.

A declaração que Carlos Maria faz para Sofia também é uma metáfora:

O mar batia com força, é verdade, mas meu coração não batia menos rijamente; - com esta diferença que o mar é estúpido, bate sem saber por quê, e o meu coração sabe que batia pela senhora.(LXIX)

A metonímia também tem seu lugar em *Quincas Borba*:

Enquanto chora, outra ri, é a lei do mundo, meu rico senhor, é a perfeição universal. Tudo chorando seria monótono; tudo rindo cansativo; mas uma boa distribuição de lágrimas e poucos soluços e sarabandas, acaba por trazer à alma do mundo a variedade necessária, e faz-se o equilíbrio da vida.

É fácil encontrar exemplo de onomatopéia:

... felizmente, começou a cantar uma cigarra, com tal propriedade e significação que o nosso amigo parou no quarto botão do colete. Sôôô....fia, fia, fia, fia, fia.

Algumas citações bíblicas são feitas por Machado nessa obra, como:

Todos vós que tendes sede, vinde às águas.

Machado de Assis faz uso de certos vocabulários que hoje são arcaicos:

... Antes de ir para o banho, vestir-se e dar um passeio a cavalo, reconstruiu a véspera. p.95

... Olhos de gaios da menina.

... Quando Rubião voltou a si, sentiu-se vexado. p.109

... Olhe que daqui a rua da Harmonia é um estirão. p. 111

Algumas frases em outras línguas (estrangeirismo) também estão presentes nessa obra. Vejamos.

Francês: "Vous marchiez? J'en suis fort aise. Eh bien! Mourez maintenant." p.109

Italiano: "Perro del inferno!" p.37

Inglês: "Quoth the Raven: Never More." p.47

Essa última frase faz parte da obra *O Corvo* da obra de Edgar Allan Poe, grande poeta norte-americano a quem Machado de Assis faz referência.

Identificamos nessa obra funções de linguagem, dentre as quais citaremos:

Função referencial: "*Olha para si, para as chinelas, para a casa, para o jardim* ..."p.107

Função emotiva: "Que ombros! Parecem de cera; tão lisos, tão brancos!"p.108

Função fática: " _Olá! Estão apreciando a lua? p.150

Função conativa: " _É tão bonita!e parece querer-me tanto! p.133

Função poética: "... O vento, zunindo fora, nunca lhe trouxe o varão esperado, nem a madrugada, a lua e a menina lhe disse em que ponto da terra é que mora. Era só esperar, esperar... p.154

Depois de analisar a linguagem machadiana em *Quincas Borba*, pode-se concluir que ler a obra e observar a linguagem rica que o autor utiliza é fascinante. Nessa obra, Machado leva o leitor a se confrontar com o narrador que interpela e interfere no entrecho e isso muda o olhar do leitor à obra.

HISTÓRIA DO BRASIL - MURILO MENDES

1 - Murilo Monteiro Mendes: Uma estrela brilhante de Modernismo de 2ª fase

Zeng Qinglan

Xu Yiling

Murilo Monteiro Mendes nasceu em 13 de maio - "dia do aniversário da abolição da escravatura", como ele gostava de notar - de 1901, em Juiz de Fora (MG). Mal completara um ano, morreu-lhe a mãe. Quando ele tinha nove anos, o mundo parou para ver a passagem do cometa Halley. Segundo Murilo, foi a visão do cometa que "o despertou para a poesia". Começou a Faculdade de Farmácia, abandonando o curso logo no segundo ano. No colégio interno de Niterói, iniciou a atividade literária. Comunicou à família que se recusaria a continuar estudando. Virou problema, o jovem que queria ser poeta. O pai e a madrastra tentaram colocá-lo em algum emprego. Tentativas inúteis.

Em 1921, foi morar no Rio de Janeiro com um irmão, que conseguiu empregá-lo como arquivista de uma repartição pública. Colaborou em alguns jornais e, em seguida, na Revista de Antropofagia. Seu primeiro livro de poesia - Poemas - recebeu o prêmio Graça Aranha. Em 1934 passou por grave crise religiosa que o fez reassumir o cristianismo em que fora criado e que abandonara. Depois de duas viagens à Europa, fixou-se na Itália em 1957, lecionando cultura brasileira na Universidade de Roma. Morreu e foi sepultado em Lisboa, em 13 de agosto de 1975. Murilo Mendes e Jorge de Lima fazem parte de um grupo de intelectuais que, na década de 30, encontraram no cristianismo a resposta para a crise econômica, política e ideológica que o mundo atravessava. Essa "conversão" ocorreu também com alguns intelectuais europeus, e deve ser compreendida não como a simples aceitação do catolicismo, mas como a proposta de um catolicismo mais voltado para os problemas humanos, terrenos. O chamado grupo espiritualista da segunda geração contaria ainda com Vinícius de Moraes e Cecília Meireles. Embora seja um escritor pouco lido ainda hoje, a obra de Murilo Mendes apresenta uma superior qualidade literária. Sua produção poética permite destacar alguns aspectos - tanto temáticos quanto lingüísticos - que apontaremos a seguir, sempre lembrando que nenhum esquema dá conta da complexidade da obra de um bom poeta. O melhor mesmo é ler muitos poemas do autor.

1) Humor e ironia como instrumento crítico: Esse é o tom dos poemas que herdaram algumas características da primeira fase do Modernismo. Predominam em *História do Brasil* uma versão do homo brasiliensis: O homem é o único animal que joga no bicho. Numa edição que preparou para sua obra, Murilo Mendes excluiu o livro *História do Brasil*, afirmando que este livro destoava do conjunto de sua obra.

2) Surrealismo: É a concepção de mundo que aparecerá em boa parte de sua obra. Entenda-se Surrealismo em Murilo Mendes não apenas como o aproveitamento das técnicas daquele estilo, mas da própria concepção surrealista de mundo: ao mundo verdadeiro, mutilado e injusto, o poeta apresenta, como contraponto e forma de reflexão, um mundo de delírio e sonho, em que a lógica desaparece. Negando a realidade concreta, o poeta chama a atenção para o absurdo dela.

3) O cristianismo: Não retrata um cristianismo comportado, mas até insolente, em que a esperança valia mais que a crença. No cristianismo de Murilo Mendes ressaltam três aspectos:

a) a ênfase sobre a finitude do homem e a promessa da imortalidade da alma;

b) o heroísmo de Cristo, visto mais como homem que como Deus;

c) o paralelo que estabelece entre poesia e o martírio: o poeta é a testemunha do sofrimento, não só do próprio como do coletivo. A poesia é o veículo de libertação desse sofrimento ("vinde a mim órfãos da poesia"). Esse cristianismo predomina em *Tempo e eternidade*, obra escrita em conjunto com Jorge de Lima.

4) Barroquismo: Mesclado ao surrealismo e à religiosidade, muitas vezes o misticismo de Murilo Mendes se expressa num dualismo e em antíteses que revelam uma visão barroca de mundo. É a tônica de *Contemplação de Ouro Preto*.

5) Experimentação lingüística: Testemunhando a perene inquietação do poeta e seu espírito de pesquisa com novas formas de composição, os últimos livros - especialmente *Tempo espanhol*, *Poliedro*.

6) Convergência - são constituídos de textos que oscilam entre a poesia e a prosa, com emprego freqüente de sinais gráficos com finalidade expressiva, neologismos, jogos de palavras, berrando o concretismo. É importante observar, no entanto, que Murilo Mendes sempre fez questão de afirmar que não pertencia a nenhuma "escola".

Em conclusão: toda a obra de Murilo Mendes revela a tentativa de conciliar, através da experimentação, os traços antagônicos da educação que recebeu, de seu temperamento e de seu caráter. Revela o homem em conflito com a realidade, que procurou criar uma arte engajada nas questões sociais mais prementes de seu tempo e, sobretudo, uma arte engajada ao seu espiritualismo cristão.

Obras: Os livros *Poemas* (1930), *História do Brasil* (1932) e *Bumba-Meu-Poeta*, escrito em 1930, mas só publicado em 1959, na edição da obra completa intitulada *Poesias* (1925-1955), são claramente modernistas, revelando uma visão humorística da realidade brasileira. *Tempo e Eternidade* (1935) marca a conversão de Murilo Mendes ao catolicismo. Nesse livro, os elementos humorísticos diminuem e os valores visuais do texto são acentuados. Foi escrito em colaboração com o poeta Jorge de Lima. Nos volumes da fase seguinte, *Poesia em Pânico* (1938), *O Visionário* (1941), *As Metamorfoses* (1944) e *Mundo Enigma* (1945), o poeta apresenta influência cubista, superpondo imagens e fazendo o plástico predominar sobre o discursivo. *Poesia Liberdade* (1947), como alguns outros livros do poeta, foi escrito sob o impacto da guerra, refletindo a inquietação do autor diante da situação do mundo. Em 1954, saiu *Contemplação de Ouro Preto*, em que Murilo Mendes alterou sua linguagem e suas preocupações, reportando-se às velhas cidades mineiras e sua atmosfera. Daí por diante, o poeta lançou-se a novos processos estilísticos, realizando uma poesia de caráter mais rigoroso e despojado, como em *Parábola* (1946-1952) e *Siciliana* (1954-1955), publicados em *Poesias* (1925-1955). As características desse período atingem sua melhor realização no livro *Tempo Espanhol* (1959). Em 1970, Murilo Mendes publicou *Convergência*, um livro de poemas vanguardistas. Murilo Mendes também publicou livros de prosa, como *O Discípulo de Emaús* (1944), *A Idade do Serrote* (1968), *Livro de Memórias*, e *Poliedro* (1972). Ao morrer, em Lisboa, deixou inéditas várias obras.

2 – As intertextualidades em História do Brasil

Maria das Graças Trindade
Maria Gabriela Alves Costa

Antes de adentrarmos na análise da obra *História do Brasil*, faremos uma breve incursão pela intertextualidade que é a apropriação de textos já existentes para a produção de um novo texto. Essa apropriação pode aparecer de várias maneiras. As mais comuns são a paródia, a paráfrase, a alusão e a referência.

A paródia consiste numa imitação cômica de uma obra literária ou não. Em alguns casos, a paródia pode significar uma homenagem ao texto retomado ou ao seu autor. No trecho do poema, "Carta de Pero Vaz" podemos perceber uma intertextualidade entre a *Carta* redigida por Pero Vaz de Caminha, em 1500, ao rei D. Manuel, exaltando a beleza do Brasil, por época do seu descobrimento, porém de um modo jocoso, conforme observamos neste fragmento do poema: "A terra é mui graciosa/ tão fértil eu nunca vi/ A gente vai passear/ No chão espeta um caniço/ No dia seguinte nasce/ Bengala de castão de ouro" (p.13)." Aqui, a *Carta* de Caminha é apresentada com uma linguagem moderna, desconstruindo o ritual do documento anterior.

Em seus poemas, Murilo Mendes faz uma paródia de fatos históricos que marcaram a História do Brasil, os quais aprendemos desde pequenos na escola, contados pela versão oficial. Murilo provoca na imaginação do leitor uma desconstrução desses fatos, chamando a atenção para aspectos de ordem social e moral. A história do passado é apresentada pelo poeta, mesclada pela realidade dos acontecimentos visíveis aos olhos do leitor.

Quando um texto retoma outro texto numa nova versão, porém de maneira dócil, dá-se a paráfrase. Esse procedimento pode ser percebido no poema, "Testamento de Sumé". A palavra, sumé é tida como São Tomé pelos jesuítas. "Deixei na laje da costa/ as impressões de meus pés". (p.15). O padre Manuel da Nóbrega relata em um de suas cartas, em 1549, ter visto junto de um rio quatro pegadas que segundo os índios, eram pegadas de Sumé, ao fugir deles. O poema apresenta certa fidelidade na abordagem dialógica com o texto anterior, o que faz com que se possa considerá-lo alusivo ao texto anterior.

No poema "1500", o autor recria em seus irreverentes versos, a invenção ou "descoberta"- para quem preferir -, do Brasil, deixando presente a marca dos portugueses em "velho de tamancos", ironizando a linguagem rústica dos portugueses "bofé" (em boa fé). Ele apresenta a personagem D. Sebastião, aludindo ao rei de Portugal, que desapareceu misteriosamente na batalha de Alcácer Quibir. A lenda diz que um dia D. Sebastião voltará velho e de barbas brancas, assim como o índio citado neste poema.

Em "O alvo de Caramuru", ironicamente, Murilo Mendes conta, de sua forma, a lenda de Moema, a índia que apaixonada por Caramuru, nada atrás de seu navio, quando ele embarca para a Europa com a índia Paraguassu, até perder as forças e desaparecer no mar.

Murilo Mendes, no poema "Pena de Anchieta", reconta a vida do apóstolo do mundo novo, personagem da mitologia e da História do Brasil. "O padre era mesmo bom/ deu a mão a muita gente/ muitos colégios fundou." (p.20). O poeta satiriza a educação recebida pelos índios, mas que faltou aos portugueses pela imposição de sua cultura.

A alusão é um recurso de intertextualidade em que se faz apenas uma leve menção a outro texto. No poema "Fadista Versus Nassau", o autor alude à cultura portuguesa e seu hábito de tomarem, em tina, pouco banho na época e sua preferência pelo fado.

Em "Viagem do Traído", Murilo Mendes refaz a trajetória de Calabar que traiu Matias de Albuquerque, foi preso pelos portugueses e condenado à força. Nos versos seguintes, assim retrata o autor o suposto perdão concedido a Calabar: "Fez correr num instante uma subscrição/Comprou passagem de 3ª na fragata/ E mandou ele pra Bahia tomar banho/ Com uma toalha de cordas no pescoço." (p.22). Calabar não é perdoado e sim enganado para ser conduzido à morte. Essa referência à história real constitui uma estratégia intertextual do poeta Murilo Mendes.

A história da formação dos quilombos, no Brasil é retomada no poema "Cantiga dos Palmares". O autor usa a intertextualidade para recontar a história dos negros que fugiram e formaram o Quilombo dos Palmares, o mais famoso, e que tinha como principal líder o quilombola Zumbir: "Seu branco dê o fora/ senão toma pau". Nestes versos, o autor mostra a capacidade de resistência do quilombo que durou vários anos. Somente uma grande ação militar foi capaz de destruí-lo.

Em "A bandeira", o autor quis reescrever a história dos bandeirantes que adentravam a mata, à procura de ouro e pedras preciosas. Famílias inteiras entraram pela mata destinadas a capturar índios ou descobrir ouro e diamantes, caçada essa que resultou no encontro de algumas turmalinas, a preço de uma história de crueldade e sacrifícios.

No seguinte fragmento do poema, "O mercado dos Mascates", é retratada uma cena da Guerra dos Mascates, "Os olindenses entraram/ na barraca dos mascates/ Querem comprar espingardas. / Os mascates dão o preço". (p.30). O poeta mostra a opressão sofrida pelos olindenses com os altos preços do açúcar por causa dos atravessadores, o que causara a Guerra dos Mascates, em 1873.

No poema, "Preparativos da Pescaria" o autor satiriza os dias que antecederam a Independência do Brasil, em que D.Pedro participava de uma pescaria conforme é representado no fragmento de poema abaixo: "Qualquer dia eu dou um grito/Mando as favas Portugal/ toda a corte de Bragança/ Qualquer dia dou um cascudo/ No tal de ministro inglês.". Em tom parodístico, o autor relê a história da pátria brasileira, criando novas possibilidades de leitura para os textos e para os fatos do passado.

Do brasileiro D. Pedro II o poeta retrata num poema-piada uma característica do reinado dele: "Uma vasta sonolência/ Invade toda a fazenda/ Sucedem-se os ministérios/ as guerrilhas se sucedem... /." (p.48). Ironicamente o autor fala sobre a personalidade de D.Pedro II, revelando um lado do homem desleixado, preguiçoso e devagar.

Em "Hino do deputado" Mendes mostra a face oculta da política no Brasil. De forma bastante irônica ele se posiciona contra a atitude interesseira dos deputados do país: "Chora, meu filho, chora/ Ai, quem não chora não mama, / Quem não mama fica fraco, /fica sem força pra vida." (p.67.) O autor joga com toda essa praxe de roubalheira no país: quem rouba está de barriga cheia e a quem não rouba sobram, no máximo, as migalhas.

No poema, "Canção do Soldado", O autor faz uma divertida e irônica apologia do antimilitarismo no Brasil, apresentando o soldado desmotivado a permanecer nas fileiras de batalha. Uma paródia do Hino ao Soldado: " Nós somos da pátria a guarda/ fiéis soldados, por ela amados. Nas cores da nossa farda/ rebrilha glória fulge a vitória".

3 – Estética e valor na Obra História do Brasil

Kelly Fraenzi de Moraes
Rose Cristina de Figueiredo

*"Poesia, aqui, deixa de ser a confirmação abstrata de certo estado psicológico – como não poucos ainda hoje continuam a achar – para se transformar na possibilidade concreta de, através da palavra; destruir no homem tudo o que o oprime, massacra e desfigura. Poesia, sobretudo como no caso da de Murilo, é um ato de justiça. Pois, para que escrever senão para proclamar que:
"A terra terá que ser retalhada entre todos
E restituída em tempo à sua antiga harmonia.
Tudo marcha para a arquitetura perfeita.
A aurora é coletiva."*

Luciana Stegagno Pichio

A obra *História do Brasil* de Murilo Mendes, em um primeiro instante de leitura, identifica-se com o padrão de composição lírica, por ser escrita em versos. Todavia, percebe-se, após fazermos uma leitura mais detalhada e crítica, que se trata de uma obra satírica. Esse livro de Murilo Mendes faz parte da 2ª fase do Modernismo (1930 – 1945). A poesia dessa época caracteriza-se por apresentar maturidade e equilíbrio, diferentemente daquela da 1ª fase. Os poetas utilizam a mesma estética iniciada na década anterior, o que significa o abandono das estruturas tradicionais do Parnasianismo. Eles buscam novas formas para expressar os conteúdos poéticos e extravasar o sentimentalismo, cultivando, assim, o verso livre e a poesia condensada. Tem-se o uso freqüente da ironia, da irreverência e do humor.

Todas essas características supracitadas são encontradas na referida obra de Murilo Mendes. Esse autor usa termos simples, versos e estrofes assimétricos e ritmo liberado, os quais traduzem o novo modo de vida do século XX: acelerado, sem restrições e liberal. Os versos são livres, não obedecem a nenhuma ordem formal e isso é confirmado pela presença de versos brancos, ou seja, versos sem rimas. Observe a poesia a seguir que comprova essa afirmação:

O herói e a frase

Como é que poderia
aquele almirante holandês
Na atrapalhação da hora da morte
Gritar abraçado com as ondas.
E, pior, alguém ouvir:
"O oceano é a única sepultura digna de
um almirante batavo."

Com essa irregularidade, fica clara a intenção do eu-lírico de expressar seus sentimentos interiores e exteriores. Por meio desse artifício, o poeta alcança uma literatura mais construtiva e mais politizada. Então, torna-se válido ressaltar que a obra em questão é uma retomada da história política brasileira consagrada. Essa releitura é feita por meio do uso de textos já existentes, na maioria das vezes, na literatura canônica. O autor simplesmente desconstrói a tradição inserida nesses textos retomados, e constrói uma nova estética, incutida de crítica e irreverência. Essa desconstrução de Murilo Mendes mostra a necessidade de se ler e estudar o Brasil de modo crítico, diferentemente do ufanismo presente no Romantismo que idealizava a pátria, a natureza e o homem brasileiro de maneira muito subjetiva. Para realizar essa crítica, percebe-se também que o autor explora, em seus textos, a paródia e a paráfrase, uma vez, que essas são estratégias de construção textual, são recursos de estética moderna. Essas características podem ser observadas no seguinte fragmento:

Carta de Pero Vaz

A terra é mui graciosa,
Tão fértil eu nunca vi.
A gente vai passear,
No chão espeta um caniço,
No dia seguinte nasce
Bengala de castão de oiro.
Tem goiabas, melancias.
Banana que nem chuchu.
Quanto aos bichos tem nos muitos.
De plumagens mui vistosas.

Tem macaco ate demais.
 Diamantes tem à vontade,
 Esmeralda é para os trouxas.
 Reforçai, Senhor a arca.
 Cruzados não nos faltarão,
 Vossa perna encarnareis,
 Salvo o devido respeito.
 Ficarei muito saudoso
 Se for embora daqui. (p. 13).

O autor Murilo Mendes, a exemplo de Oswald de Andrade, repensa nossa história com muito humor e ironia. Esse humor é utilizado como forma de refletir a complexidade do homem e do mundo e, no caso em particular, do Brasil e do brasileiro. Tal tipo de recurso empregado nas poesias de Murilo Mendes induz o leitor a pensar nas inúmeras possibilidades de interpretações da História do Brasil que nos contaram e isso faz com que o texto não fique cansativo, o que torna a leitura mais agradável e sugestiva. Esse argumento é confirmado no trecho a seguir:

Pescaria

Foi às margens do Ipiranga,
 Em meio a uma pescaria.
 Sentindo- se mal, D. Pedro
 ___ comera demais cuscuz___
 desaperta a barriguiha
 e grita roxo de raiva:
 ou me livro desta cólica
 ou morro logo duma vez!
 O príncipe se aliviou,
 Sai no caminho cantando:
 "já me sinto independente.
 Safa! vi perto a morte!
 Vamos cair no fadinho
 Pra celebrar o sucesso."
 A Tuna de Coimbra surge
 Com as guitarras afiadas,
 Mas as mulatas dengosas
 Do Clube Flor de Abacate
 Entram, firmes, no maxixe,
 Abafam o fado com a voz,
 Levantam, sorrindo, as pernas....
 E a colônia brasileira
 Toma a direção da farra." (p.46).

Observamos, portanto, que, na obra *História do Brasil*, Murilo Mendes propõe a releitura da História do Brasil por outro viés estético, muito diferente daquele com que o Brasil foi contemplado nos textos históricos e também pelos textos literários. O fato de usar um conjunto de normas estéticas que rompem com as regras em que foram produzidos os textos anteriores mostra que a intenção do autor não é ingênua. Os traços da linguagem popular, os vocabulários dessa origem que ele utiliza, em poemas sem métrica e sem rima, deixam clara sua mensagem de releitura parodística. Por se integrar à segunda fase do Modernismo brasileiro, é coerente essa atitude do poeta de repensar a Língua Portuguesa do Brasil, com a inclusão da fala cotidiana com seus traços próprios, mesmo na escrita, o que não desmerece o poeta, que se tratava de um homem culto, que dominava as normas do bem escrever. Suas "falhas lingüísticas" são intencionais e fazem parte do conjunto de opções estéticas desse poeta, nessa obra.

4 – O Brasil sob a ótica de Murilo Mendes – A História revistada pela Literatura

Micheline Sana de Lima Couto

Rodrigo Alves Nascimento

Correspondência Histórica

I- Descobrimento do Brasil

O Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral em abril de 1500, lançando âncora em Porto Seguro, sendo Pero Vaz de Caminha quem escreveu uma carta ao rei D. Manuel avisando sobre as terras descobertas

II- Ano da descoberta do Brasil

Foi o ano em que os portugueses aportaram em Porto Seguro e se depararam com os índios.

III- O passeio do Zeppelin

Cabral descobriu o Brasil em 1500, em seguida os holandeses dominaram o Nordeste. O Zeppelin foi um dirigível criado pelo alemão Conde Zeppelin que atravessou o Atlântico em 1924.

III- O Farrista

Primeiro ele ironiza Cabral atribuindo-lhe 'patas', depois atribui um anjo da guarda aos índios que logo

IV- Carta de Pero Vaz de Caminha

É o relato dos portugueses, considerado a certidão de nascimento do Brasil.

V- São Tomé

Os índios Tupi - guaranis já conheciam e praticavam a agricultura de subsistência quando os portugueses chegaram no Brasil

VI- Diogo Álvares Correia

Caramuru foi o nome que Diogo Álvares Correia recebeu dos índios supostamente por ter dado um tiro de espingarda e assim assustado os índios. Casou-se com a índia Paraguaçu e levou-a para a Europa onde visitaram a corte de Henrique II e de Catarina de Médicis e foi batizada com o nome de Catarina Paraguaçu.

Visão de Murilo Mendes

I- Prefácio de Pinzón

É uma sátira sobre quem realmente descobriu o Brasil. Para Murilo foi o espanhol Vicente Yáñez Pinzón e não o português Pedro Álvares Cabral. Ironiza Pero Vaz de Caminha dizendo que este foi comprado para distorcer a verdade.

II- 1500

É uma crítica ao descobrimento do Brasil, à visão que os portugueses tiveram e relataram sobre a nova terra. A forma popular 'Dom' para 'Dão' aparece como uma conotação afetiva, referida ao Imperador D. Sebastião.

os abandona, deixando-os sem proteção. Em seguida cita a presença dos holandeses no Brasil. Compara a inutilidade do anjo com o vôo do Zeppelin.

IV- Carta de Pero Vaz

Ironiza a forma como Pero Vaz descreveu o Brasil, como sendo a terra prometida. Cita o desejo do português de achar riquezas no Brasil, como minerais preciosos

V- Testamento do Sumé

Faz uma sátira à infidelidade dos índios para com São Tomé que havia lhes ensinado o plantio da mandioca e depois sido expulso. Há um tom sarcástico quando ele manda os índios plantarem mandioca ou irem plantar batatas.

VI- O Alvo de Caramuru

Crítica e sátira ao poder que a arma de fogo tinha sobre os índios que, amedrontados, submetiam-se às regras dos brancos. E ao encantamento que as índias sentiam em relação aos homens brancos, e como esses se aproveitavam desse poder de sedução.

VII- Capitanias Hereditárias

Repartição quinhentista do Brasil em 11 Capitanias Hereditárias, substituídas no século XVII pelas 12 Capitanias Hereditárias.

VII- Divisão das Capitanias

Ironiza a fase da colonização brasileira, as invasões ocorridas no período e às possíveis contribuições européias à colonização.

VIII- Padre José de Anchieta

Pe. José de Anchieta o "Apóstolo do Novo Mundo", aos 20 anos chegou ao Brasil em companhia do Pe. Nóbrega dedicando-se intensamente à salvação do gentio.

VIII- Pena de Anchieta

É um afago à memória de Pe. José de Anchieta e uma alusão ao monumento de Marechal Floriano Peixoto na praça de mesmo nome na Cinelândia e uma alfinetada à colônia portuguesa, atribuindo maior esperteza aos índios.

IX- Maurício de Nassau

Invasão dos holandeses de Maurício de Nassau no local em que hoje fica Pernambuco e de onde os portugueses os expulsaram.

IX- Fadistas versus Nassau

É uma sátira à sexualidade de Nassau e ao desejo dos portugueses de expulsá-lo. Murilo Mendes usa a fala dos próprios portugueses, o que é muito cômico.

X- Domingos Fernandes Calabar

Domingos Fernandes Calabar, mestiço alagoano e contrabandista que, depois de haver servido sob as ordens de Matias de Albuquerque na defesa de Pernambuco, teria passado para as fileiras holandesas. Feito prisioneiro pelos portugueses, foi condenado à força na Bahia em 1635.

X- Viagem do Traído

É um poema bem humorado da trágica trajetória de Calabar, com pitadas de ironia e eufemismo, como quando se refere à força como uma tolha de cordas no pescoço.

XI- D. Antonio Filipe Camarão

Índio brasileiro do Rio Grande do Norte que lutou na guerra contra os holandeses comandando um terço do General Francisco Barreto. Recebeu, em homenagem ao rei de Espanha, que o agraciara com o título 'Dom', o nome de D. Antonio Filipe Camarão

XI- O índio invisível

Murilo faz uma homenagem à astúcia do índio que guerrilhou como ninguém e que morre dignamente em batalha.

XII- Almirante Adrian Pater

O Almirante Adrian Pater em combate naval de 12 de setembro de 1640, perto da Baía da Traição, em Pernambuco teria pronunciado a frase "O oceano é a única sepultura digna de um

almirante batavo", na guerra holandesa antes de morrer.

XII- O herói e a frase

É uma crítica ao relato exagerado de Brixen sobre a morte do Almirante Adrian.

XIII- Quilombo dos Palmares

Referência aos quilombos, repúblicas de escravos, negros fugidos, com destaque ao dos Palmares, na serra da Barriga, atual estado de Alagoas. A história registra várias expedições contrárias a esses quilombos, com especial ênfase ao guerreiro Zambi ou Zumbi pela resistência e luta.

XIII- Cantiga dos Palmares

É irônico ao se apossar da fala do negro. Mostra como os negros também tinham uma crença e fé em Deus, nos santos Cosme e Damião e na Virgem Maria.

XIV- Entradas e Bandeiras

Entradas e Bandeiras foram expedições particulares destinadas a capturar os indígenas ou a descobrir ouro, prata e pedras preciosas. Eram marchas armadas adentro dos sertões do Brasil.

XIV – A bandeira

Satiriza a descoberta de turmalinas que os bandeirantes acreditavam ser esmeraldas e as denomina de *sloper*, uma referência à famosa magazine, conhecido por suas bijuterias.

XV – Guerra dos Emboabas:

Conflito na região de Minas Gerais de 1707 a 1709. Os paulistas, na qualidade de descobridores das minas, reivindicavam para si o direito exclusivo de exploração do ouro. Os que discordavam deste intento, em sua maioria portugueses e baianos, ficaram conhecidos como Emboabas.

XV- O Café dos Emboabas

Murilo Mendes é imparcial ao abordar conflitos internos.

XVI- Guerra dos Mascates

Guerra dos Mascates que durou de 1710 até 1714. Os portugueses de Recife compravam açúcar dos brasileiros de Olinda que lhes vendiam por muito maior preço os gêneros importados, necessários ao seu luxo. Com isso

os olindenses invadiram o Recife e derrubaram o pelourinho, símbolo do poder central na vila.

XVI- O Mercado dos Mascates

Murilo é imparcial ao abordar conflitos internos.

XVII – Marquês de Pombal

Marquês de Pombal, primeiro Ministro de D. José I, em sua campanha contra os Jesuítas, em 3 de setembro de 1759 expulsou os membros da Companhia de Portugal dos seus domínios e apropriou-se de seus bens.

XVII – Os pombos do pombal. É bem humorada a apresentação deste episódio da história, que faz um jogo com as palavras 'pombo' e 'pombal', sendo esta última sobrenome do Marquês.

XVIII- Tiradentes

"Tiradentes", Joaquim José da Silva Xavier (dentista prático), que, denunciado às autoridades coloniais pelo Coronel Joaquim Silvério dos Reis, foi enforcado. E Tomás Antonio Gonzaga, na Arcádia, Dirceu. Poeta português do Arcadismo que imortalizou seu amor em versos. Envolveu-se na conjura e foi deportado para Moçambique e nunca mais voltou ao Brasil.

XVIII- O Alferes na cadeira

É feita uma ligação entre a força da época de Tiradentes com a cadeira elétrica, atual método para matar quem desobedece as leis de alguns países.

XIX- Estátua de Tiradentes

Referência à estátua de Tiradentes erguida em frente à Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro

XIX- A Estátua do Alferes

O autor embaralha figuras da história e, zombando, coloca-os à sombra do "herói" Tiradentes.

XX- Aleijadinho

Antonio Francisco Lisboa, o 'Aleijadinho', escultor e arquiteto barroco mineiro, autor entre outras obras da igreja de São Francisco de Ouro Preto e das estátuas dos Doze Profetas de Congonhas do Campo. Tinha as mãos e os pés deformados por doença não suficientemente caracterizada.

XX- Força do Aleijadinho

É uma dedicatória ao homem que, mesmo com problemas físicos, não se deixou inutilizar e produziu belíssimas obras barrocas.

XXI- Corte portuguesa no Brasil

Chegada da corte portuguesa ao Brasil em 1808 e referência a D. João VI com sua fala afrancesada e seu medo da esposa D. Carlota Joaquina.

XXI- Embarque do Papagaio Real

Alegoria à chegada da família real ao Brasil.

XXII- Domingos José Martins

Comerciante estabelecido no Recife foi preso depois da derrota dos revoltosos da Revolução Pernambucana de 1817, que visava à implantação da República em Pernambuco.

XXII- A mão de Domingos José Martins

Murilo alegoriza essa passagem da história onde D. João VI que havia assumido o trono por morte de sua mãe D. Maria I, tinha como inimigos sua própria esposa e seu filho, este ainda em Portugal havia tentado contra sua vida.

XXIII- Frei Caneca

Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo e Caneca, carmelita nordestino foi revolucionário republicano, participante da Revolução Pernambucana de 1817, pelo que foi condenado a quatro anos de prisão. Em 1824 chefiou a Revolução da Confederação do Equador quando foi preso e condenado a morte.

XXIII- Relíquias de Frei Caneca

Murilo satiriza a passagem em que Frei Caneca, condenado à morte por enforcamento, não encoraja nenhum carrasco a executar a ordem. Ele teve de ser fuzilado pelo pelotão militar.

XXV- D. Pedro I e os emissários de José Bonifácio

Trata dos antecedentes da Declaração de Independência por parte de D. Pedro, Príncipe regente do Brasil, desde a decisão de ficar no país até o grito de "Independência ou morte!" O título do poema alude à circunstância de D. Pedro ter recebido os emissários de José Bonifácio e de D. Leopoldina, que o informavam

das decisões de Lisboa a respeito de sua ida para Portugal, nas margens do Ipiranga, onde num sábado, ele participava de uma pescaria.

XXV- Preparativos da Pescaria

Zombaria a respeito da rebeldia de D. Pedro aos decretos portugueses.

XXIV- Dia do Fico

Dia 9 de Janeiro de 1822, o então regente do Reino do Brasil aceitava ficar no Brasil desatendendo os decretos da Corte de Lisboa que, em 1821, tinha determinado a sua volta a Portugal.

XXIV- Fico

Sátira de Murilo ao que realmente motivou a desobediência de D. Pedro I: seriam as mulatas, as festas, as boas comidas ou o desejo de libertar o povo brasileiro?

XXVI- D. Pedro I e Domitila de Castro

Diálogo amoroso entre D. Pedro em véspera da pescaria de Ipiranga e a sua favorita Domitila de Castro Canto, Marquesa de Santos

XXVI- Serenata da Independência

Zomba e satiriza o romance secreto de D. Pedro com Domitila, sua amante.

XXVII Clube brasileiro Flor do Abacate

Ainda tema da pescaria nas margens do rio Ipiranga, durante a qual, perante um Príncipe-Regente debochado, dá-se à mudança histórica com a substituição do grupo de fadistas de Coimbra, pelo clube brasileiro Flor do Abacate.

XXVII- A Pescaria

Sátira sobre o príncipe que demonstra seu amor por tudo do Brasil inclusive pelas mulatas.

XXVIII- Diogo Antonio Feijó

Diogo Antonio Feijó, sacerdote e político paulista, Ministro da Justiça e, depois, Regente durante a menoridade de D. Pedro II, bateu-se durante toda a vida para a abolição do celibato clerical, tendo enfrentado prisões e desterros pela sua atuação revolucionária.

XXVIII- O Padre de Ferro

Deboche a respeito da luta vã de Diogo contra o celibato clerical.

XXIX- D. Pedro II

Um retrato de D. Pedro II, amante das letras, nomeadamente francesas.

XXIX- O Brasileiro D. Pedro II ou No Brasil não há pressa

Crítica ao modo como D. Pedro imperava no país onde tudo parecia um grande pic-nic.

XXX- Marechal Francisco Solano López

O Marechal Francisco Solano López desde 1862 Presidente da República do Paraguai, iniciou em 1864 a guerra contra o Brasil que só terminará em 1870 com a sua captura e morte no combate de Cerro Cora.

XXX- Tango de Solano López

Sátira à tentativa de Solano Lopez de derrotar o Brasil na guerra do Paraguai.

XXXI- Marcílio Dias

Herói lendário da Guerra do Paraguai, Marcílio Dias tomou parte como marinheiro no combate naval do Riachuelo, ocorrido em 11/06/1865, e aí

morreu defendendo heroicamente a canhoneira Parnaíba.

XXXI- A Boca de Marcílio Dias

Homenagem a esse herói de guerra.

XXXII- Retirada da Laguna

Retirada da Laguna, dramático episódio da Guerra do Paraguai, ocorrido em maio de 1867.

XXXII- Marcha em retirada

Belíssimo relato das batalhas navais e as doenças que os homens acabavam adquirindo em alto mar.

A Proclamação da República

Deodoro da Fonseca foi o primeiro presidente eleito pelo Congresso em 1891. Afonso Celso de Assis Figueiredo era o visconde de Ouro Preto e presidente do último gabinete de Monarquia. Ele foi preso e deportado para a Europa após a queda desse sistema do governo. José Costa Azevedo, foi o último ministro da monarquia, que após resistência foi ferido no dia da Proclamação.

XXXIII - Proclamação de Deodoro

Nesse poema, temos uma visão de um valor republicano "Ó que belo movimento!" Além disso, somente relata os fatos invertendo-os nos mesmos termos.

"Ouro Preto não estrilou". Com este verso ele quis dizer que Ouro Preto não resistiu.

"Barão do Ladário" remete a "José da Costa Azevedo"

15 de Novembro

No dia 15 de novembro de 1889, foi proclamada a República. O Brasil não mais era uma Monarquia.

Dom Pedro II perdera o poder e o Marechal Deodoro da Fonseca se tornara o primeiro Presidente da República.

XXXIV- Soneto do Dia 15

Mais uma vez o autor trata com ironia o poder brasileiro, quando ele diz "...tem gente" ele refere-se a um banheiro. É como se o autor estivesse e descrevendo a saída de Dom Pedro do lugar deixado a Deodoro da Fonseca.

O Discurso

O discurso de despedida foi feito no dia 16 de novembro de 1889 e marcou a partida de D. Pedro II para Paris.

A Princesa Isabel Cristina de Bragança, assinou a Lei Áurea em 13 de maio de 1888. Assim, o Brasil aboliu a escravidão.

Joaquim Nabuco foi escritor e defensor de causas abolicionistas.

XXXV - Elegia do dia 16.

Sátira ao discurso de despedida de Dom Pedro II, após a Proclamação da República, que demonstra todo o aborrecimento do Imperador durante o governo. Ele cita Isabel que remete à Princesa Isabel Cristina, que foi quem promulgou a Lei Áurea ("A choça do Pai Tomás"), que é a tradução do poema de Harriet Elisabeth Beecher Stowe, uma norte-americana que marcou época. "Nabuco" remete a Joaquim Nabuco, escritor muito importante para o movimento abolicionista, assim como "Patrocínio" que se refere a José do Patrocínio.

A Homenagem ao Marechal

Eduardo de Sá construiu uma estátua onde uma mulher oferece uma rosa ao Marechal Floriano Peixoto, presidente do Brasil de 1891 à 1894. Floriano Peixoto assumiu após a renúncia de Deodoro da Fonseca.

Floriano Peixoto ficou marcado por violar o Art. 42 da Constituição Brasileira, onde rogava que o vice só poderia assumir a presidência se o presidente permanecesse no cargo pelo menos a metade do período presidencial. Floriano prendeu todos os que cobravam o funcionamento da lei e que eram contra este ato inconstitucional.

XXXVI- O herói sai da Estátua

Neste poema o autor faz críticas muito fortes ao ex-presidente do Brasil Floriano Peixoto. É esse que ele diz que saiu da estátua por "sentir calor" e ainda o acusa de violar a constituição.

Nesse momento ainda põe a prova a masculinidade do ex-presidente.

"Foi a única mulher/ Que nesta vida violei"

A estátua a qual o autor se refere é a que Eduardo de Sá construiu e que tem uma mulher entregando uma rosa ao ex-presidente. "Mulher, não quero esta rosa, não gosto de flores não."

Antonio Conselheiro

Antonio Vicente Mendes Maciel, vulgo Antonio Conselheiro, foi o protagonista do episódio de Canudos e que ganhou fama de beato por seus seguidores

XXXVII – Milagre de Antonio Conselheiro

O autor conta em versos, os episódios em que as Forças Armadas tentavam capturar Antônio Conselheiro e apresenta a resistência do beato.

João Cândido

Foi o líder da Revolta dos Marinheiros em 1910, que aconteceu no navio 'Minas Gerais' e tinha como objetivo acabar com as punições corporais que ocorriam na Armada.

XXXVIII- O Chicote de João Cândido

Murilo faz referência à Revolta dos Marinheiros, que se organizaram para exigir o fim das punições corporais (a 'Chibata').

Santos Dumont

Alberto Santos Dumont foi o inventor do avião e dos balões dirigíveis. Em 1900 conseguiu a proeza de contornar a Torre Eiffel com o seu balão "Dumont 6". Santos Dumont foi muito premiado e idolatrado pelos franceses. Seu nome tem características francesas o que levou alguns franceses a pensar que ele era nascido neste

país.

XXXIX- Homenagem ao Gênio Francês

O poema refere-se ao feito de Santos Dumont em contornar a Torre Eiffel com o seu dirigível. O autor chacoteia os franceses por pensarem que o pai da aviação havia nascido na França.

do Rio de Janeiro: Ogum.

A Política no Nordeste

Padre Cícero, líder e beato de Juazeiro do Norte, atuou entre os sécs. XIX e XX.. Tinha forte atuação política e legando a ser Vice-presidente de Estado o que hoje seria vice-governador. São Jorge, na Bahia Oxossi e para os umbandistas

XL- Dois cabos eleitorais

O autor menciona a atuação religiosa de Padre Cícero, e seus auxiliares dos quais ele cita Maria Araújo. Além do outro "cabo eleitoral" que para M.M é São Jorge.

Padre Cícero

Líder e beato de Juazeiro do Norte atuou entre os séculos XIX e XX. Tinha forte atuação política elegendo-se Vice-Presidente de Estado, o que hoje seria Vice-Governador. São Jorge, na Bahia Oxossi e para os umbandistas do Rio, Ogum.

XL- Dois Cabos Eleitorais

O autor menciona a atuação religiosa de Padre Cícero, e seus auxiliares dos quais ele cita Maria Araújo. Além do outro 'cabo eleitoral' que para Murilo é São Jorge.

As Artes

Mariano José Pereira da Fonseca é o autor de um célebre volume de Máximos Pensamentos e Reflexões. Participou da Inconfidência Mineira. Carlos Gomes é o autor do Guarani. Giuseppe Verdi, músico italiano, foi a maior influência de Carlos Gomes.

XLII- O Neto do Marquês de Maricá

O autor cita Mariano José Pereira da Fonseca, o Marquês de Maricá, critica Carlos Gomes, ironizando seu sobrenome, que é substituído pelo seu inspirador Giuseppe Verdi

O jogo de bicho

O Bacharel Haia nos remete a Rui Barbosa, jurisconsulto, estadista e escritor. Ele participou da Conferência da Pat, que se reuniu em Haia. Por esta participação, Rui Barbosa foi apelidado de Águia de Haia. O Jogo do bicho acompanha o Brasil a muitos anos. É proibido mas pouco combatido

XLIV- O Bacharel de Haia

Neste poema Murilo Mendes, apresenta uma certa admiração pelo talento de Rui Barbosa. Cita fatos importantes da carreira do ilustre brasileiro, que teve seu reconhecimento até na Europa. Cita também a participação de Rui Barbosa no Projeto da Constituição de 1891.

O Bicheiro

Referência ao jogo do bicho como patrocinador de políticos.

XLV – Teorema das Compensações

Murilo se refere ao jogo do bicho, salientando a sua influência na área da política.

Investimentos Brasileiros

Em 1922 o Brasil encomendou um maquinário de uma empresa Alemã para irrigar as terras Nordesteiras. O projeto foi um fracasso. O fato coincidiu com a visita do Rei Alberto, da Bélgica, que trouxera sua esposa para conhecer o Brasil.

XLVI - A Máquina D'Água

É uma crítica aos projetos ruins, mal feitos e inúteis, que sempre foram feitos para solucionar o problema da seca no Nordeste brasileiro. Nesse poema, só a narração do fato já é cômica. No entanto, o poeta apimenta mais ainda citando a queda da tubulação de água sobre o navio que transporta o Rei da Bélgica que visitara o Brasil em 1922.

A Revolução de 1930

A Revolução de 1930 foi movimento que acabou com a chamada política do café com leite, que se tratava do revezamento dos mineiros e paulistas na Presidência da República. A revolução ficou mais nos bastidores, sem haver conflitos

armados. Getúlio Vargas tornou-se o Presidente chamado Governo Provisório

VLVII - A Revolução Gorada

Murilo Mendes ironiza a Revolução de 1930 que não chegou a ser um conflito de grandes

proporções. Ele coloca a revolução como se

fosse um jogo de cartas marcadas.

Apologia ao antimilitarismo brasileiro.

XLVIII - Canção do Soldado
O autor ironiza o nosso exército.

O Guarani: Canção de Carlos Gomes
Açoíaba: manto ou turbante de pena usado pelos índios na sua cerimônia.
Tacaie: espécie de arma usada pelos índios americanos em batalha.
Inúbia: trombeta guerreira dos índios tupi-guaranis

Manitôs: Cândido Mariano da Silva Rondon. Um militar explorador primeiro Presidente Nacional de Proteção aos índios do Brasil

XLIX - Marcha Final do Guarani
O autor, neste poema, apresenta como se deve à luta para preservar a cultura indígena no Brasil.

O Presidente Artur Bernardes
Artur Bernardes governou o Brasil de 1922 a 1926. Autoritário e radical, manteve o país em estado de sítio e sempre foi acusado de agir com

mão de ferro contra seus adversários políticos.
L - O Iluminado
O autor faz uma crítica ao ex-presidente do Brasil Artur Bernardes. O autor demonstra, em seu poema, todo o autoritarismo do ex-presidente.

Nesse período a filosofia de D. Pedro II se tornara um paradigma. Os fatos históricos como fim da escravidão, pensamento republicano, já era aceito no Brasil. Aceito com mais sinceridade.

LV - Glória de D. Pedro II

O autor apresenta seu repúdio à todos as ditaduras e autoritarismo.

LVI -
O jogo do bicho é uma aposta, ou jogo de azar que usa os bichos como símbolos.

LVI - Homo brasiliense
Poema piada que critica a prática do jogo do bicho.

O Rei do Cangaço
Lampião, Virgulino Ferreira da Silva, foi o mais temível chefe dos cangaceiros brasileiros. Alimentou uma lenda, que até hoje é forte, principalmente no Nordeste.

LVII - Fuga
Neste poema, Murilo Mendes conta parte do período do Cangaço. Onde ele demonstra a superioridade desses rebeldes sobre as forças do governo.

Jeca Tatu
Jeca Tatu foi um personagem do livro Urupês e depois das Idéias de Jeca Tatu de Monteiro Lobato. Ele é o tipo do caipira desalentado e apático, porém astucioso, que vive em sua tapera uma vida resistente ao progresso e ao trabalho

LVIII - Discurso do filho do Jeca
É um personagem ,imaginário, criado por Murilo Mendes e que faz um discurso apresentando a sua vidinha sem grandezas nem idéias

LX - O avô Príncês
Não há fato histórico ligado diretamente a este poema

LX - O Avô Príncês
Murilo Mendes, fecha a obra apresentando o que para ele, representa a verdadeira família brasileira. Que se opõe aos heróis que ele descreve anteriormente.

5 – A Geografia e a História do Brasil: a terra e seus elementos

Silvania Silva Araújo
Mônica de Castro Raposo

Por espaço geográfico entende-se a materialidade do processo historicamente concreto do trabalho. É a relação homem-meio concreta. É a história em seu dever perpétuo. É espaço como resultante/ determinante da história.

Na obra *História do Brasil* de Murilo Mendes percebemos um espaço geográfico que transita na história de 1500 até a modernidade (1932). Aliás, Geografia (espaço) e História nascem de um mesmo processo, por isso, é impossível separar a Geografia da História. Geografia é a localização do fenômeno no espaço e a História é a sua localização no tempo.

Murilo Mendes, na sua obra, tenta aproximar o leitor da nossa origem histórica, descrevendo os fatos de uma maneira mais divertida, não deixando de ser crítica, por meio da intertextualidade. Ele aproxima o tempo histórico do tempo presente, relatando fatos do norte ao sul do país, nos quais o leitor reconhece o tempo colonial por meio de termos como fazenda, sertão e os tempos modernos por meio de termos como maillot e Zeppelin. Há uma carnavalização da História em que Murilo Mendes funde elementos e espaço histórico com elementos de sua época (3ª década do século XX)

Exemplo disso é um trecho do poema "1500".

"A imaginação do senhor
Flutua sobre a baía...
O Pão de açúcar sonhou
Que um carro saiu da Urca..."

Murilo Mendes descreve o espaço por meio de elementos que nos remetem ao lugar geográfico brasileiro. A isso chamamos de ambientação, ou seja, o conjunto de processos conhecidos ou passíveis, destinados a provocar a noção de um determinado ambiente. Esse processo dá uma visão conotativa ao texto, aproximando mais leitor-obra. Em vários poemas, vamos destacar essa ambientação e em outros, o lugar geográfico propriamente dito.

O autor enfoca, do poema I ao poema V, a descoberta do Brasil. Observamos em "Prefácio de Pinzon" termos como: fazenda que se refere ao Brasil; Amazonas, índias valentes que a caravela da frota de Colombo que teria chegado na foz do Amazonas em janeiro de 1500. Termos como os seguintes que aparecem no poema 1500 apontam para a ambientação brasileira:

- As pitangas e os cajus que se referem, possivelmente, à paisagem edênica pelo país com suas frutas.

- "Que um carro saiu da Urca..." refere-se ao Rio de Janeiro (carro nos remete a um tempo moderno, portanto um termo anacrônico).

No poema "Testamento do Sumé", o autor mostra satiricamente o país como espaço agrícola, fazendo um trocadilho de duplo sentido, bem modernista da expressão final (que evoca Quincas Borba de Machado de Assis e o tema da ingratidão).

"O país é mesmo agrícola,
Não tenham dúvida não:
Antes de fazerem a máquina
Para a mandioca moer,
Tratem de plantar mandioca
Senão acaba a fazenda
Adeus, vão plantar batatas".

Percebe-se nos poemas VI ao poema XII a relação entre índios e brancos, a divisão do país em capitanias, a catequese e as invasões holandesas.

Um exemplo da relação tempo-espaço (tempo e espaço histórico e atual) é o poema "Divisão das capitanias" que se refere ao episódio histórico ocorrido no século XVI, que foi a divisão da país da costa ao interior em capitanias hereditárias. No poema, Murilo, ironicamente, relata que cinco capitanias (chamadas de fazendas) são para os portugueses e as restantes para as multinacionais: Inglaterra, Holanda, França, Turquia, Estados Unidos e Alemanha, cada país trazendo seus produtos. Esse poema antecipa os séculos futuros, mostrando a chegada dos imigrantes e das indústrias multinacionais, além de ser um exemplo típico de como Murilo Mendes relê a nossa história: de uma maneira sincrônica com olhos no presente e não diacrônica.

Percebemos a partir do poema XIII até o poema XX, a revelação de conflitos do século XVII e XVIII, tais como Quilombo dos Palmares, as Guerras dos Emboabas e dos Mascates, a expulsão dos Jesuítas e a Inconfidência Mineira. Murilo Mendes percorre o sertão, as florestas até o Rio de Janeiro moderno no poema "A Bandeira".

"Nós furamos o sertão
Atravessamos florestas...
Esmeraldas não achamos
Ou achamos, mas *sloper*"¹

Em "Café das Emboabas" nos remetemos a guerra dos Emboabas, conflito envolvendo paulistas, baianos, pernambucanos e lusitanos em Minas Gerais, entre 1707 e 1709. Faz referência ao Rio das Mortes, em MG.

"Se embolaram com os paulistas
Atiraram eles no rio
Lhes dão água pra beber
Toda vermelha de sangue
Na cuia do Rio das Mortes".

Já em "O Mercado dos Mascates" o assunto é o conflito irrompido entre 1710-1714, na região de Pernambuco, envolvendo comerciantes portugueses e brasileiros.

"Os mascates se danaram
Não suportam concorrência
Lá na Olinda o pessoal
Vende quase pelo custo,
Mas mesmo assim progrediu
O seu mercado já impôs."

Os poemas "O Alferes na Cadeira", a "Estátua do Alferes" e a "Força do Aleijadinho" vêm destacar Minas Gerais no cenário histórico do Brasil, por meio da figura de Tiradentes, do movimento da Inconfidência Mineira e a figura do artista mineiro Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

Dos poemas XXI até o poema XXVIII, há a referência ao ciclo da Família Real, da Independência e da Regência. Queremos destacar, nesse ciclo, o poema "A mão de Domingos José Martins" que trata da repressão portuguesa à revolução instaurada em Pernambuco em 1817. Do poema XXIX ao poema XXXII, percebe-se um enfoque na figura de D. Pedro II e na Guerra do Paraguai.

O poema "Marcha em retirada" aborda o episódio da Retirada de Laguna em 1867. O exército brasileiro, com uma coluna de 2500 homens que, ao tentar entrar no Mato Grosso, foi vencido pelo *cólera-morbus*.

O próximo ciclo que Murilo Mendes aborda é o ciclo da Proclamação da República que vai do poema XXXIII ao poema XXXVIII, envolvendo a proclamação da República, a Campanha de Canudos, a Revolta da Armada e a Revolta da Chibata. Com esse conjunto de poemas, Murilo Mendes faz uma viagem ao nordeste do país por meio do poema "Milagre de Antônio Conselheiro" que fala da Guerra de Canudos, no governo de Prudente de Moraes em 1897.

O último ciclo da obra de Murilo Mendes que vai do poema XXXIX ao poema LX enfoca vários aspectos da República Velha entre 1900-1930, com destaque para Santos Dumont, Padre Cícero, Rui Barbosa, Arthur Bernardes, Marechal Cândido Rondon, Coluna Prestes e a Revolução de Trinta. Destaque para o poema "Dois cabos eleitorais", uma espécie de poema de cordel que narra o episódio de sedição de Juazeiro. Trata-se de um movimento político e militar que se iniciou no Ceará, em 1913, envolvendo o coronel Franco Rabelo, Padre Cícero Romão Batista e a beata Maria Araújo.

O poema "Marcha da Coluna" contempla o movimento militar que desencadeou várias rebeliões entre 1922 a 1930 intentando a derrubada do governo, liderada por Luiz Carlos Prestes, que buscou levar uma mensagem revolucionária por todo o Brasil, iniciando-se em Alegrete Rio Grande do Sul e percorreu em 647 dias mais de 25000 quilômetros.

Percebemos que Murilo Mendes faz uma viagem histórica de norte a sul do Brasil, não deixando de lado, principalmente, a cidade do Rio de Janeiro, por meio dos seus elementos anacrônicos, palco central do autor da obra *História do Brasil*. Isso porque o autor residia no Rio de Janeiro e, também, porque o Rio era a Capital Federal, em 1932.

¹ *Sloper* – magazine no Rio, conhecido principalmente por suas bijuterias

6 – A Linguagem na obra *História do Brasil*

Lianete Marli Rodrigues Batista

Ricardo de Oliveira Reis

Nos sessenta poemas de "História do Brasil", o modernista Murilo Mendes, cronologicamente, vale-se da rememoração na tentativa de enfocar períodos específicos da História do Brasil, coroando-os de hipóteses e alusões, em cuja linguagem poética o discurso simples sobressai divertido e, sobremaneira, despretenso, o qual não ignora o coloquialismo e faz menções ao estrangeirismo cultural, que, bem ou mal, serviu de esteio à aparição do híbrido jeito de ser do povo brasileiro.

Já no primeiro poema nota-se que o poeta imprime um tom coloquial para aludir sobre o verdadeiro descobridor do Brasil: se mesmo Portugal ou se foram os espanhóis em suas investidas marítimas abaixo da linha do equador.

PREFÁCIO DE PINZÓN

Quem descobriu o Brasil,
por San Tiago, fomos nós.
Nãoensem que sou garganta.
Se quiserem calo a boca,
Mando o Amazonas falar.
Mas como sempre acontece
Nós tomamos na cabeça,
Pois não tínhamos jornal.
A colônia portuguesa
Mandou para o jornalista
Um saquinho de cruzados.
Ele botou no jornal
Que o Arquimedes da terra
Foi um grande português. (p. 9)

Mais adiante, no poema VII, debochadamente, o autor elenca os vários povos estrangeiros que tomaram posse da rica e promissora terra "brasiliense", cada qual se estabelecendo com os aspectos culturais de seu país natal. Acompanhe trechos de cada uma das oito estrofes do poema "Divisão das Capitanias".

1º)

"A primeira pros londrinos,
Pra assentarem telefones,
Bondes puxados a burros
Naturais deste país;..."

2º)

"A segunda aos holandeses,
Pra ensinarem a fazer queijos..."

3º)

"A terceira pros franceses,
Que trouxeram nas fragatas
Muitos vidros de perfume,
Mulheres finas, distintas..."

4º)

"A quarta foi pros turcos,
Pra vender chitas, miçangas
(...)
Compraram a capitania
Em diversas prestações."

5º)

"A quinta aos italianos,
Ajudam a lavar a terra,
(...)

Trouxeram discos de canto..."

6º)

"A sexta aos americanos,
Trazem fitas de cow-boy...."

7º)

"A sétima, aos alemães
Trouxeram cerveja loura..."

Enfim, o 8º:

"As outras cinco fazendas (...)
Entregaram aos lisboetas
Que forneceram mantimento
Às capitânias restantes."

Ainda sobre o poema retro-citado, o poeta modernista abstém-se da linguagem entremeada de floreios e formas de estilo rebuscadas, e atém-se a um vocabulário que permite ao leitor (receptor) uma assimilação sem medo do assunto que aborda. Só que essa assimilação não decorre em toda obra. Alguns poemas tangenciam temas que nem todo leitor consegue decifrá-lo de imediato. Veja no poema abaixo um exemplo dessa não-percepção do fato a que se trata o poeta:

XII

O HERÓI E A FRASE

Como é que poderia
Aquele almirante holandês
Na atrapalhação da hora da morte
Gritar abraçado com as ondas.
E, pior, alguém ouvir:
"O oceano é a única sepultura digna de
um almirante batavo." (p. 25)

Nesse poema-piada, em que fica flagrante a sensação de dúvida e espanto diante de uma situação para a qual, normalmente, denota-se o pânico, o sarcástico poeta reporta as últimas palavras pronunciadas por um herói-militar em um combate naval ocorrido em Pernambuco, em 1648. Tal combatente de acordo com as notas e expressas nas recentes edições do livro, viria a se tratar do Almirante holandês Adrian Pater.

Embora a linguagem adotada por Murilo Mendes facilite a leitura e o ritmo empreendido por ele nos poemas é desenvolvido, há de se ressaltar, no entanto, a difícil compreensão na íntegra do texto por parte de um receptor cujo conhecimento intelectual não abarca todo o contexto da obra, bem como não absorve a retratação irônica dela para determinados episódios da nossa história, para os quais são dadas outras versões além do que se aprende nos livros de História e de Literatura. Por outro lado, essa constatação não impede a esse receptor a apreciação deleitosa de *História do Brasil*. Muito pelo contrário. Por intermédio de uma leitura investigativa para cada acontecimento abordado no livro, ele, o leitor, poderá exprimir o seu parecer sobre a verdadeira História do Brasil.

Mas, como o nosso foco neste trabalho não é de dar parecer histórico e sim de fazer apontamentos lingüísticos, cabe-nos salientar que a linguagem acentuadamente figurada utilizada em "História do Brasil", a qual, diga-se de passagem, encontra-se desprovida de emoção, muito se deve à presença de elementos conotativos. Observe o poema a seguir, no qual o poeta sugere o estado de passividade que se teve no Brasil durante o Reinado de D. Pedro II.

XXIX

O BRASILEIRO D. PEDRO II

ou

No Brasil não há pressa

Uma vasta sonolência
Invade toda a fazenda.
Sucedem-se os ministérios,
As guerrilhas se sucedem
Pro povo se divertir.
A Corte faz pic-nics,
Ou organiza quadrilhas
Nos balairicos reais.
A Inglaterra intervém
No mercado das finanças,

Todos acham muito bom.
 Houve entrudos famosíssimos...
 O imperador, de pijama,
 Lê o Larousse na rede.
 O fato é que com essa calma
 Cinquenta anos se agüentou. (p. 48)

Murilo Mendes ilustra um país sossegado, sem senso de política e economia, aberto a muita festividade. O autor não imprime uma mensagem objetiva, em que persuadir o receptor, convencendo-o de algo, seja o propósito, nem tampouco apossasse-se de argumentação. Ele propõe-se, sim, a um olhar clínico/cínico da existência do estado brasileiro. Para isso, faz-se enveredar com assaz desenvoltura no universo das figuras de linguagem.

E são elas, as figuras de linguagem, que comparecem efetivamente em toda a obra *História do Brasil*. Principalmente duas de suas vertentes: as figuras de palavras ou tropos, que para Bechara são alterações semânticas, e as figuras de pensamento.

Então, no âmbito das "alterações semânticas", destacamos alguns bons exemplos que ocorrem na obra de Murilo Mendes. Investindo novamente no poema *O herói e a frase*, retira-se um exemplo de metáfora: "O oceano é a única sepultura digna..." (p. 25). A metáfora ainda vê-se misturada à prosopopéia neste verso de *Pena de Anchieta*: "O vento vem lhe avisar..." (p. 20).

Também em outro poema aqui mencionado, "O brasileiro D. Pedro I" ou "No Brasil não há pressa", encontra-se a metonímia, em que evoca-se a obra do autor pelo seu nome: "O imperador de pijama,/ Lê **Larousse** na rede."

Já em *O bacharel de Haia* (p.68) tem-se a perífrase logo no título do poema, cujo termo Haia vem a referir-se a Rui Barbosa, o Águia de Haia.

Quanto às figuras de pensamento, há de se ressaltar que elas são o recheio de *História do Brasil*. Até porque a ironia está presente em cada página do livro. Se toma-se o poema *A máquina d'água*, como exemplo, nele figurar-se-á a ironia de cabo a rabo. Veja o seu início, em que a seca faz refém o Nordeste e cujo povo faz torrenciais súplicas aguardando providência, neste caso, do presidente:

"No céu é tempo de entrudo,
 prenderam a água no céu.
 Não tem água para o milho,
 Nem água para o animal,
 Nem para a moça morena
 Lavar o corpo dengoso,
 Nem para a criança beber.
 O nordeste está esperando.
 Telegrafam pra Lisboa,
 Ficaram todos com inveja.
 As ladainhas choviam.
 O nordeste está esperando..." (p. 71)

Outra figura de pensamento importante que permeia a obra é o eufemismo. Em *A estátua do Alferes*, o poeta vislumbra-se ao dar voz ao mártir Tiradentes, o qual, em tom de indignação, aponta para o deleite de seus aproveitadores, que se beneficiaram de seu sacrifício, na Inconfidência Mineira:

Senadores, deputados,
 Se arrancham na minha sombra,
 E outros, dentro de mim... (p. 35)

Num trecho surrealista de *O banquete*, observa-se o exagero, figura esta de suma relevância para os arroubos satíricos do poeta modernista:

... O promotor deu um estouro tão grande
 Que os convidados, os talheres
 E as galinhas que sobravam
 Fugiram a toda velocidade
 Com o fotógrafo atrás....(p. 64)

No mesmo poema, versos adiante, também há arroubo de exagero, que, especificamente, denomina-se hipérbole: "Afirmando que o banquete/ foi mais **uma bruta prova** de apoio..." (p.64).

Além de trocadilho – (“No dia de sua morte/ Deu a águia...”, p.69, *O bacharel de Haia*, quando refere-se ao resultado do jogo de bicho no dia da morte de Rui Barbosa: águia.) –, de ditos populares e provérbios – “(...) quem não chora, não mama...” , p. 67); (“É melhor andar sozinho/ Do que mal acompanhado...”, p. 65), da antítese – (“... Jejuava noite e dia” p. 90, verso do poema *O avô príncês*, o último da obra), encontramos instantes de uso de gradação, que pontua, por exemplo, a idéia de desespero neste estrofe do poema *Hino do deputado*:

Quem sabe vendendo imóvel
A prestação ou sem ela,
Ou esperando algum tigre
Que talvez desse amanhã,
Ou dando um tiro no ouvido,
Ou sem olho, sem ouvido,
Sem perna, braço, nariz. (p. 67)

O poeta brinda-nos ainda com outras manifestações figurativas, tais como: onomatopéia: “Faz barulho, vucovuco,/ tal e qual o zepelim” (p. 12, *O farrista*); elipse: “Cruzados nos emprestaram...” (p. 18, *Divisão das capitânias*); pleonismo: “De ter muita água demais” (p. 45, *Serenata da dependência*); anáfora: “Lampião fugiu, Lampião./ Quem é que prende Lampião?” (p. 85, *Fuga*). Contudo, elas não merecem maior enfoque, embora ajudem a solidificar a linguagem despojada do livro.

Enfim, vêm-se no livro, expressões coloquiais, das quais a gíria se destaca: “O homem não sai,/ Não sai nem a pau...” (p. 58, *Milagre de Antônio Conselheiro*); bem como tira-se antigas falas: “Nóis tem iaiá preta,/ Nóis dança de noite;/ Nóis reza com fé./(...) Praquê que vancêis/ Foi ruim pros escravo...” (p. 26, *Cantiga dos palmares*, que refere-se à fala do negro); e, ainda, termos do estrangeirismo, tais como: em Francês: “Je suis...” (p. 37, refere-se à fala “afrancesada” de D. João VI); em Espanhol: “Jô estava em el cabaré...” (p. 49, *Tango de Solano López*); em Inglês: “A Corte faz pic-nics...” (p. 48); e até mesmo, em Português: “Vem tomar meus p’rus...” (p. 37, *Embarque do papagaio real*, imitação do sotaque do nativo português). Todas essas expressões influenciaram para o cumprimento da jornada poética de Murilo Mendes, o qual, sem cerimônia, até transpõe para o papel a sua predileção pelo Rio de Janeiro, cujas belezas ele descreve, com olhar “carioquês”, no trecho inicial de *1500*:

A imaginação do Senhor
Flutua sobre a baía.
As pitangas e os cajus
Descansam o dia inteiro.
O céu, de manhã à tarde,
Faz pinturas de baú.
O Pão de Açúcar sonhou
Que um carro saiu da Urca
Transportando com amor
Meninas muito dengosas,
Umas, nuinhas da silva,
Outras, vestidas de tanga,
E mais outras, de maillot...

Em atitude de reverência aos caminhos literários efervescentes do Modernismo, Murilo Mendes armou-se de muito escárnio e, sobretudo, ironia para, em *História do Brasil*, desmistificar e, ao mesmo tempo, criticar fatos ora marcantes, ora curiosos que, desde a sua gênese até os idos de 30 do séc. XX, compuseram a “carnavalesca” história brasileira. Ele não deixa escapar a sua intrepidez em mostrar aspectos culturais que identificam o “*Homo Brasiliensis*”, usando, para isso, um senso lúdico impressionante: “O homem/ É o único animal que joga no bicho”.

Conclui-se, então, que a obra resvala no frescor juvenil: quer se fazer transgressora, mas não abre mão do pueril. O poeta modernista faz-se pautar em sua perene e satírica verve poética e não se embrenha somente em uma forma de composição, nem busca perambular pelos caminhos do modismo. Com isso, os seus versos, na maioria das vezes, livres, ganham autoridade para vencerem quaisquer adversidades de codificação lingüística.

7 – Ruptura e tradição em História do Brasil

Christiane das Graças de Souza

Elisandra Cristina da Silva Martins

Participação especial de Leni Nobre de Oliveira

História do Brasil, obra de Murilo Mendes, revela-se sob o prisma cultural do exílio na própria terra. Isso implica um distanciamento em relação a origem de nosso povo, visto como cultura de importação, uma vez que os poemas de Murilo Mendes retratam a cultura européia lançada em todo território brasileiro.

Murilo Mendes se interessa sempre por entender as coisas e tratá-las em poesia a partir de fortes contrastes. Aposta na singularidade e na especificidade que reduz tudo ao mínimo essencial, ao menos, obedecendo a uma espécie de essencialismo sem transcendência, essencialismo materialista, que dá a ver, em última instância, aquilo que diferencia as coisas, aí residindo o princípio de desconstrução e construção da similitude no processo de metaforização. Murilo, por sua vez, é o "conciliador de contrários", como se repete exaustivamente desde que Mário de Andrade assim o definiu. Sua procura pela aliança entre as coisas capacita-o como exímio construtor de imagens, metaforizador poderoso, místico com ou sem religião.

Entenda-se, pois, Murilo Mendes e sua obra como mediadores da experiência poética, histórica e existencial, condição que confirma o sentido do próprio homem como mestre e aprendiz da decifração do mundo. Diante desse jogo, há poetas que lograram alcançar a autoconfiança para se aceitarem como reveladores do absoluto. Sem rejeitar esse desejo, Murilo o apreende a partir das frações e cortes, desenhando um outro caminho que atribui ao absoluto um significado de urgência transitória.

Em *História do Brasil*, percebemos a predominância da linguagem descontraída e coloquial. Esse é um dos modos de Murilo Mendes romper com a tradição de produção literária no Brasil. O humor e a ironia são usados como instrumentos críticos, revelando um posicionamento ao mesmo tempo satírico e elogioso sobre os fatos de nossa história, com o estilo intencionalmente chocante que não dispensa a retórica ufanista. São os poemas-piadas, recurso já utilizado por Mário e Oswald em seus escritos:

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza. (...)
Eu morro sufocado
Em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.

Aliás, Murilo Mendes faz poemas num estilo característico da primeira fase do Modernismo, proclamando sua aversão, mas sem perder contato com a realidade brasileira, preocupando-se em buscar uma identidade cultural do homem brasileiro e trabalhando-a ludicamente. Por isso, o poeta satiriza, ao gosto brasileiro, as figuras e os fatos históricos. Esse processo é considerado como carnavalização do estilo e da cultura oficial, pois o poeta usa palavras em duplo sentido, abusando da anáfora - repetição da primeira palavra em cada verso, na maioria das vezes, sem métrica e sem rimas:

A terra é mui graciosa,
Tão fértil eu nunca vi.
A gente vai passear,
No chão espeta um caniço,
No dia seguinte nasce
bengala de castão de oiro.
Tem goiabas, melancias,
Banana que nem chuchu.
Quanto aos bichos, tem-nos muito,
De plumagens mui vistosas.
Tem macaco até demais
Diamantes tem à vontade
Esmeralda é para os trouxas.
Reforçai, Senhor, a arca,
Cruzados não faltarão,
Vossa perna encanareis,
Salvo o devido respeito.
Ficarei muito saudoso
Se for embora daqui.

Na opinião do professor, poeta e crítico Júlio Castañon Guimarães, esse livro se oferece como uma releitura do Modernismo, principalmente o de primeira fase, ao retomar estratégias dos modernistas dessa fase em seu texto, estando ele no início da segunda fase. Em *História do Brasil*, o poeta Murilo Mendes brinca com nossa história ao

compor 60 poemas mal-comportados que abrangem desde a descoberta, passando pela chegada da família real, pela República velha até a Revolução de 1930. Cobre, portanto, um extenso período que vai de antes de 1500 até o século XX.

É também por esse motivo que a retomada da tradição fica evidente. Pois, se para estudarmos a história oficial desse período, no Brasil, teríamos de abordar textos diversos e de vários autores, em História do Brasil, o poeta consegue trazer à tona textos e fatos importantes de nossa memória histórica, às vezes com pouquíssimas palavras. É dessa forma que ele relê a Guerra de Canudos, a Carta de Pero Vaz de Caminha, A Guerra dos Mascates, a figura de D. Pedro II e os fatos políticos e sociais da nação. A percepção da brincadeira é imediata porque, para dialogar com as teorias da época, o poeta não faz nenhuma questão de esconder os textos e os fatos que retoma. Quer antes que saibamos quais são eles, copiando, reescrevendo, recompondo e destruindo textos e fatos e personagens consagrados da História oficial. Por isso é que ele prefere retomar, exatamente, as idéias mais construídas por essa tradição, pois isso facilita também que o leitor identifique o diálogo e compreenda melhor a obra.

Pela singeleza e pela simplicidade do texto, a obra parece ter sido construída com uma pitada de irresponsabilidade inocente, juvenil e proposital, uma brincadeira de roda onde os personagens de nossa história dançam e se revezam representando, involuntariamente, papéis que ridicularizam a visão oficial da historiografia brasileira, em que o único compromisso é um humor cáustico, mordaz, surrealista e com um leve toque de crítica social.

Os cinco primeiros poemas destacam aspectos da descoberta do Brasil. O poeta inicia com uma referência ao possível descobridor, o espanhol Vicente Pinzón, que teria chegado ao Brasil antes de Cabral e fecha com fatos da mitologia indígena, o "Testamento de Sumé". Em relação a esse período, no segundo poema, "1500", nota-se certa complacência com os estratos oprimidos. As simpatias do narrador se inclina, de forma parcial, para os habitantes índios. Em vez de crítica, há certa autoridade nativa demonstrada na atitude do indiozinho que expulsa do Brasil Pedro Álvares Cabral, com uma flexada e uma frase: "saí azar"!

Na sequência, do poema VI ao XII, a brincadeira é realizada ironizando a fase da colonização brasileira, as invasões ocorridas no período e as possíveis contribuições européias à colonização:

*...os ingleses nos emprestariam dinheiro a cinco por cento ao mês;
os holandeses, trariam queijos e regras de asseio;
os franceses, perfumes e romances de adultério,...
os italianos, lavradores e ópera.....*

Posteriormente, os poemas de números XII ao XX, envolvem fatos e figuras sobre o ciclo das conquistas e dos conflitos internos entre séculos XVII/XVIII. Destaca-se aqui uma abordagem positiva àqueles heróis oriundos das classes populares, sejam eles defensores de uma idéia de Brasil independente ou não. Com a exceção de Tiradentes, todos são vistos com benevolência, recebendo um tratamento entre respeitoso e folgazão.

Passando adiante, nos próximos 8 poemas, do XXI ao XXVIII, alegorias e passagens históricas abrangendo desde a chegada da família real ao período regencial são apresentadas. Nesses, as vítimas, D. João VI, Frei Caneca, D. Pedro I, Feijó, são envolvidos em situações grotescas.

O ciclo do Segundo Reinado é tratado nos próximos 4 capítulos e se desenvolve em torno dos quase 50 anos do governo D. Pedro II. A "Fazenda", como é denominado o Brasil por Murilo, vive momentos de sonolência política e a Guerra do Paraguai, que poderia quebrar esse marasmo, era descrita, bem como seus "heróis", em tom de escárnio.

Por fim, das duas últimas partes do livro, 6 poemas fazem referências à Proclamação da República, e 21 poemas, a fatos ocorridos durante a República Velha. Todos têm suas ocorrências transfiguradas de forma debochada e burlesca. A Revolução de 30 é vista como "um pic-nic com carabinas"...; os fatos relacionados com os governos são impiedosamente retratados em situações ridículas; os militares vaidosos passeando embuçados em suas fardas engalanadas não são poupados pela pena mordaz de Murilo, como se fez com o Ministério da Educação e com o DER.

Um presidente resolve
Construir uma boa escola
Numa vila bem distante.
Mas ninguém vai nessa escola:
Não tem estrada pra lá.
Depois ele resolveu
Construir uma estrada boa
Numa outra vila do Estado.
Ninguém se muda pra lá

Assim, toda a obra de Murilo Mendes revela a tentativa de conciliar, através da experimentação, os traços antagônicos da educação que recebeu, de seu temperamento e de seu caráter. Revela o homem em conflito com a realidade, que procurou criar uma arte engajada nas questões sociais mais prementes de seu tempo e, sobretudo, uma arte engajada ao seu espiritualismo cristão.

A leitura dessa obra, portanto, confirma-se como uma estratégia interessante que a UNIFEMM utiliza para fortalecer diálogos interdisciplinares, já desde o seu vestibular. Por isso ela será utilizada, do mesmo modo que *Quincas Borba*, como instrumento para avaliar conhecimentos em Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Redação. Portanto servirão para avaliarem conhecimentos de Estudo de texto, Funções da Linguagem, Ortografia, Estudo das palavras, Concordância e regência verbal, As estruturas de orações e períodos bem como a capacidade de ler em língua culta, em todas as questões fechadas. Esses mesmos critérios são avaliados na produção da Redação, que também explora as obras literárias indicadas. Desse modo, o vestibular incita o estudo da obra literária do ponto de vista lingüístico e estético, enquanto possibilita a expressão da recepção dessa obra, por meio do texto escrito.

A Prova Geral de Literatura contém questões sobre a leitura e a interpretação da obra, que exploram as características dos estilos de época, bem como elementos do texto literário presentes na obra. Nesse caso, a intertextualidade, uma das formas de construção do texto literário, é valorizada. As obras literárias são utilizadas para avaliarem esses conhecimentos.

Na Prova Específica de Literatura Brasileira, para os alunos de Letras, a Identidade da Literatura Brasileira e as noções de Teoria da Literatura são avaliados a partir das obras literárias. Nesses dois aspectos, estão inseridos, por exemplo, as variantes lingüísticas faladas no Brasil, fatores constitutivos da Literatura Brasileira, aspetos sonoros e visuais dos textos, a intertextualidade, a metalinguagem e os gêneros literários, por exemplo. Nesse caso, também a obra literária é valorizada porque é debatida.

A prova de redação exige que o candidato demonstre habilidades de exposição e de argumentação em torno de determinado problema. O tema será de tal natureza que conduza o candidato a demonstrar tais habilidades. Do desempenho lingüístico do candidato, o que se espera é que a produção de texto seja pertinente ao assunto e ao objetivo da questão proposta, que seja fluente, coerente e claro e que esteja de acordo com o padrão culto da língua. Portanto, a própria leitura antecipada da obra literária já possibilita que o leitor se exercite para essa produção textual. Ao ler, adquirem-se competências que auxiliarão na forma de escrever. Por isso, a indicação da obra *Quincas Borba*, de um estilo apurado, culto. Já em *História do Brasil*, a brincadeira, o falar cotidiano, a carnavalização intencional da língua e dos padrões oficiais, o que possibilita que os dois tipos de registros sejam refletidos pelos leitores das obras.

É difícil imaginar que tenhamos lido uma obra literária e tenhamos ficado impassível diante dela. Quando a lemos em um momento de preparação para o vestibular, essa leitura passa a ser uma leitura que deve ser cuidadosa. No geral, nossas leituras são preferencialmente as emotivas, aquelas que escolhemos e a fazemos por prazer. Porém, quando uma obra nos é indicada nessa circunstância, sabemos de antemão que o que se deseja de nós, não é apenas a leitura emotiva, mas a racional, aquela que não pode ser levada ao bel'prazer, mas que infere informações e organiza julgamentos. Ler as obras e refletir sobre os temas que estão ali apresentados, bem como compreender o modo como ela é organizada pode ser uma boa estratégia de preparação para se obter um bom resultado nas avaliações. Portanto, após se ter contato com uma análise ou leitura da obra, leia outras, releia a obra, discuta-a.

Questões

- 1) Em *Quincas Borba*, qual o recurso utilizado pelo narrador para inserir o leitor no contexto e torná-lo ciente de fatos ocorridos antes do início da obra?
 - a) Intertextualidade
 - b) Flash-back
 - c) Paráfrase
 - d) Bricolagem
- 2) Que idéia está presente na "filosofia humanista" criada por Quincas Borba?
 - a) "Ao vencedor as batatas"
 - b) Oposição ao Humanismo
 - c) Realismo
 - d) Naturalismo
- 3) Porque em *Quincas Borba* não se destacam os locais/lugares onde as cenas ocorrem e são apresentadas somente a direção ou seja as ruas?

4) Na obra *Quincas Borba* os espaços internos são bastante explorados. Qual seria a justificativa para essa exploração feita pelo narrador. Mostrar que as personagens são apenas uma das alternativas abaixo. Marque-a.

- a) () materialistas
- b) () consumistas
- c) () gananciosas
- d) () simplesmente sortudas

5) Das passagens a seguir da obra *Quincas Borba* de Machado de Assis há uma que caracteriza o narrador onisciente intruso. Marque a alternativa que a contém.

- A) "Deixou-se estar na cama, e fechou os olhos para ver melhor. Ver melhor o que? Não, seguramente, os morros doentios. A praia era outra coisa."
- B) "Crê leitor, tal foi a origem secreta e inconsciente da idéia conjugal. As outras explicações são boas, por serem razoáveis e até honestas, mas a verdadeira e única é a que aí fica. Crê ou fecha o livro."
- C) "Queria dizer aqui o fim do *Quincas Borba*, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo e que dá título ao livro, e porque antes um que outro, – questão preme de questões, que nos levariam longe ..."
- D) "Foi na estação de Vassouras; foi aí que Sofia entrou no trem de ferro, vindo daquela cidade, onde fora passar uma semana. Vinha com o marido, Christiano de Almeida e Palha."

6) Todas as alternativas a seguir, sobre o romance *Quincas Borba* de Machado de Assis estão corretas, exceto:

- A) narrado em terceira pessoa, conta a história do professor mineiro, Rubião, oriundo de Barbacena e seu cão herdado, *Quincas Borba*;
- B) *Quincas Borba* deu ao cão o seu próprio nome, pois desejava sobreviver no nome de seu cão companheiro;
- C) Sofia, esposa de Palha, concorda com a proposta de seu marido: aceitar a corte do professor a fim de receber como presente a casa de Botafogo;
- D) Rubião foge de uma Casa de Saúde onde fora internado no Rio de Janeiro e volta pobre e em crises de delírio, com seu cão, para a cidade de Barbacena, em Minas Gerais.

7) "Ao vencedor, as batatas!" Essa passagem foi dita por um personagem, que marcou a obra e é um dos enfoques do enredo de qual obra de Machado de Assis?

- A) Dom Casmurro
- B) Memórias Póstumas de Brás Cubas
- C) Esaú e Jacó
- D) *Quincas Borba*

8) Em que período da História do Brasil se passam os acontecimentos da obra Machado Assis, *Quincas Borba*?

- A) Imperialismo
- B) Segundo reinado
- C) Primeiro Reinado
- D) Período Colonial

9) Sobre a obra *Quincas Borba* de Machado de Assis, marque a alternativa que contém o verdadeiro protagonista da estória.

- A) D. Sofia
- B) Rubião
- C) *Quincas Borba*, o filósofo
- D) *Quincas Borba*, o cachorro

10) Assinale o item que não corresponde à personagem citada:

- A) Rubião – age por impulso, deixando-se levar pelos acontecimentos
- B) *Quincas Borba* – é pobre e procura explicar o mundo por meio de sua filosofia
- C) Palha – é o perfeito homem de negócios
- D) Tonica – solteirona e desesperada pensa em se casar com Rubião

- 11) Com base na leitura de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, a afirmação correta a respeito do tempo narrativo é:
- A) tempo psicológico
 - B) tempo psicológico e cronológico
 - C) tempo cronológico
 - D) nenhuma está correta
- 12) Qual a época apresentada na obra *Quincas Borba*, de Machado de Assis:
- A) a época da Independência
 - B) a época da Proclamação da República
 - C) a época da República
 - D) a época do Segundo Reinado
- 13) -No poema "O Iluminado" a que homem o autor se refere, chamando-o de rancoroso tirano?
- A) Ao presidente Washington Luís.
 - B) A Carlos Gomes.
 - C) Ao presidente Artur Bernardes.
 - D) D. Sebastião
- 14) Marque as alternativas que contém os aspectos de intertextualidade no poema "Carta de Pero Vaz".
- A) Carta de Pero Vaz de caminha.
 - B) Descobrimento do Brasil.
 - C) Paraíso tropical
 - D) A fertilidade da terra
- 15) No poema intitulado "O farrista", Murilo Mendes atribui 'patas' a um importante personagem da nossa história. Quem é este personagem?
- A) Marechal Deodoro da Fonseca
 - B) Padre José de Anchieta
 - C) Dom Pedro I
 - D) Pedro Álvares Cabral
- 16) No poema "Marcha do Guarani", Murilo se refere a:
- A) À obra 'O Guarani' de José de Alencar
 - B) Aos índios Tupi-Guaranis
 - C) À Ópera de Carlos Gomes, 'O Guarani'
 - D) Ao time de futebol, Guarani Esporte Clube
- 17) Qual é a característica que não pertence ao estilo do poeta- Murilo Mendes?
- A) Surrealismo
 - B) Cristianismo
 - C) Neobarroquismo
 - D) Arcadismo
- 18) Assinale a alternativa que NÃO retrata biografia de Murilo Mendes:
- A) nasceu Juiz de Fora, Minas Gerais
 - B) ele é um escritor do século XIX
 - C) ele foi considerado por alguns como o principal representante da poesia surrealista no Brasil
 - D) ele é um autor no segundo fase de Modernismo
- 19) Leia a poesia pertencente à obra *Historia do Brasil* de Murilo Mendes.

Homenagem ao gênio francês

Santos Dumont contornou
A torre Eiffel de avião.
O povo francês lhe rende
Homenagens especiais,
Até uma estátua lhe ergueu.
Mas comeu gato por lebre,

Inda até hoje eles pensam
Que Santos Dumont é francês.

20) Todas as características a seguir referem-se a essa poesia, EXCETO as da alternativa:

- A) Apresenta versos e estrofes simétricos, de acordo com o padrão formal.
- B) Apresenta versos livres e brancos, isto é, sem padrão formal.
- C) Apresenta uma nova estética, incutida de crítica e irreverência.
- D) Apresenta uma ruptura com as estruturas tradicionais do Parnasianismo.

21) Leia a poesia a seguir da obra *História do Brasil*, de Murilo Mendes.

A máquina d'água

No céu é tempo de entrudo,
Prenderam a água no céu.
Não tem água para o milho,
Nem água para o animal,
Nem para a moça morena
Lavar o corpo dengoso.
Nem para a criança beber.
O nordeste está esperando.
Telegrafam para Lisboa,
Ficaram todos com inveja.
As ladainhas choviam.
O nordeste está esperando.
Então o bom presidente
Manda chamar o alemão.
Encomenda um maquinismo
Que custa, em ouro sonante,
Seiscentos mil contos de réis.
Parte gente pro nordeste,
Acamparam, faz cidades;
O nordeste está esperando
A água cair da máquina,
Já que do céu não caiu.
O nordeste está esperando.
Famílias já se mudaram
Para o sul, para o Japão
E muitas pro cemitério.
O nordeste está esperando
O alemão não tem pressa.
— Os chops que apareciam
Nem davam pras encomendas.
— Mas o nordeste resolve
Esperar inda uma vez.
A máquina está fazendo,
Está mas é caprichando.
A máquina já se aprontou,
O nordeste inclina o corpo;
Mas toda a água que tem
No maquinismo engenhoso
Cai em cima de um navio
Onde o rei Alberto vem,
Se transforma num repuxo
Luxuoso e multicolor,
O rei achou muito lindo,
A rainha achou também;
Chegaram na capital

Bem limpinhos e lavados,
Ficaram aqui no bem-bom,
Caíram libras do céu;
Depois voltaram pra Europa,
Quando passam no nordeste
O nordeste já secou.

22) Sobre essa poesia, é INCORRETO afirmar que:

- A) Retrata de forma subjetiva o flagelo da seca no nordeste.
- B) Aponta a imigração para o sul como consequência da seca.
- C) Remete à idéia de que a seca é um problema antigo e que não foi resolvido até os dias de hoje.
- D) O autor faz uma crítica de como o problema da seca no nordeste é tratado com desinteresse pelas autoridades.

Temas para Redação

1) Redija um texto dissertativo argumentando a favor ou contra a importância de se ensinar com vigor, a nossa língua materna, por ser ela o código exigido para acesso a todos os espaços culturais e sociais brasileiros, baseando-se na estrutura linguística das duas obras indicadas para o vestibular.

2) Redija um texto dissertativo em que você possa discutir, a partir da obra *Quincas Borba* a relação do homem com o seu ambiente e as consequências das mudanças dos homens em função da mudança de ambiente.

3) O Humanitismo, exposto pelo protagonista Quincas Borba a Rubião, é uma filosofia que pretende explicar as coisas de modo natural. Imagine se essa ciência fosse praticada a partir de hoje e pense no que seria o mundo. Redija um texto dissertativo com o tema O Humanitismo no mundo de hoje

4) Leia os versos do poema "O filho do século" de Murilo Mendes:

"Cairei no chão do século vinte
Aguardam-me lá fora
As multidões famintas justiceiras
Sujeitos com gases venenosos (...)
É a hora das barricadas, dos fuzilamentos
Fomes desejos ânsias sonhos perdidos
Miséria de todos os países uni-vos
Fogem a galope os anjos-aviões
Carregando o cálice da esperança "

O escritor mineiro Murilo Mendes marca uma inspiração: No século XX, enfrenta um desafio ético, procurando um caminho contra a guerra, contra as ditaduras de direita e de esquerda e contra todas as forças que aviltam a dignidade humana.

E agora, neste século XXI, Será que continuamos a conviver com tal situação?
Com base nessa reflexão, redija uma dissertação respondendo a essa questão.

1- Quincas Borba foi enganado por seus amigos e pela mulher por quem estava seduzido. Quem é o culpado nessa história? Rubião, por ter-se deixado iludir ou Sofia que fingia seduzi-lo para obter presentes caros, ou Cristiano Palha que incentivava a situação? Redija um parágrafo dissertativo em que você possa apontar um culpado e defender seus argumentos na sua acusação.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Oswald de. *Obras Completas-6* : Do Pau- Brasil à antropofagia e às utopias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972
- ANDRADE, Oswald de. *Pau- Brasil*. 4ª edição. São Paulo: Globo, 1991
- ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Ática, 1998.
- CHALHUB, Samira, *Funções da linguagem*. 10 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- D' ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto: prolegômenos e teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.
- GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios)
- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 13 ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios)
- HELENA, Lúcia. *Modernismo Brasileiro e Vanguarda*. 3ª edição. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1996

LUYTEN, Joseph M. *O que é Literatura Popular*. 4ª edição. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense s.a, 1987.

MEGALE, Heitor. MATSUOKA, Marilene. *Literatura e Linguagem* v. 3. 2 ed. São Pulo: Companhia Editora Nacional, 1976

MENDES, Murilo. *História do Brasil*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

NICOLA, José de. *Língua, Literatura e Redação* v. 3. 8ed. São Paulo: Scipione; 1998.

WALTY, Ivete. CURY, Maria Zilda. *Textos sobre textos, um estudo de metalinguagem*. Belo Horizonte. Dimensão, 1999.

Os organizadores desse caderno de estudos lhes desejam boas provas!

